



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - DEF
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LARISSA VITÓRIA ALBUQUERQUE CARLOS

**LOUCAS PELO TREZE: ESTUDO DE CASO ACERCA DE UM MOVIMENTO
FEMINISTA NOS ESTÁDIOS PARAIBANOS**

**CAMPINA GRANDE
2022**

LARISSA VITÓRIA ALBUQUERQUE CARLOS

**LOUCAS PELO TREZE: ESTUDO DE CASO ACERCA DE UM MOVIMENTO
FEMINISTA NOS ESTÁDIOS PARAIBANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Socioculturais na Educação Física

Orientador: Prof. Morgana Guedes Bezerra

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C284I Carlos, Larissa Vitoria Albuquerque.
"Loucas pelo Treze" [manuscrito] : estudo de caso acerca de um movimento feminista nos estádios paraibanos / Larissa Vitoria Albuquerque Carlos. - 2022.
69 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.

"Orientação : Profa. Esp. Morgana Guedes Bezerra , Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Torcida feminina . 2. Movimento feminista. 3. Futebol paraibano. I. Título

21. ed. CDD 796

LARISSA VITÓRIA ALBUQUERQUE CARLOS

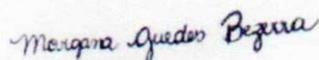
**“LOUCAS PELO TREZE”: ESTUDO DE CASO ACERCA DO
PRIMEIRO MOVIMENTO FEMINISTA NOS ESTÁDIOS PARAIBANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Educação Física.

Área de concentração: Estudos Socioculturais na Educação Física

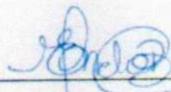
Aprovada em: 29/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



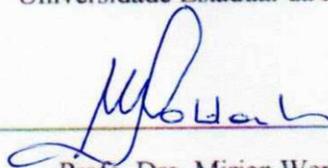
Profª. Esp. Morgana Guedes Bezerra (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Elaine Melo de Brito Costa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Mirian Werba Saldanha

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela permissão de concluir esse trabalho, bem como minha graduação. Em todos os momentos da minha vida dele veio minha força e auxílio.

Agradeço também aos meus pais, Fátima e Marcus, por serem meus principais incentivadores.

Ao meu noivo, por me acompanhar durante essa caminhada e me fazer acreditar que conseguiria.

Aos meus amigos, por estarem ao meu lado nessa trajetória e me apoiarem.

A todos os mestres que compartilharam suas vivências comigo durante o percurso acadêmico.

Agradeço em especial a minha orientadora e amiga Prof. Morgana Guedes, a qual tive a honra de ser aluna no ensino médio e reencontrar na graduação. Sua orientação e auxílio foram essenciais para o desenvolvimento desse trabalho.

Meu agradecimento também a todas integrantes do Movimento Loucas Pelo Treze, por me ceder espaço para realizar essa pesquisa.

Despeço-me dessa fase reconhecendo toda riqueza de alma e intelecto que me foi proporcionada e com a certeza de que muito mais virá.

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

Josué 1:9

RESUMO

Os estudos relacionados a gênero na Educação Física e esportes são essenciais para pôr em discussão os desafios encontrados no desenvolvimento das práticas em ambos os âmbitos e, com isso, gerar inquietações e possíveis respostas para as problemáticas levantadas. Tendo em vista essa realidade, chegamos ao nosso objeto de estudo principal, o Movimento Loucas Pelo Treze (MLP13), o qual representa um pioneiro movimento feminista dentro dos estádios paraibanos. Pensando no fenômeno de crescimento da atuação de grupos de torcida feminina nos estádios brasileiros surgem os seguintes questionamentos: como suas práticas são desenvolvidas e de que forma as teorias feministas exercem influência em suas diretrizes e ações? Portanto, o desenvolvimento de pesquisas sobre essas coletividades feministas nas torcidas de futebol possibilita a busca por respostas, além de conferir mais visibilidade a essas iniciativas. Nesse contexto, utilizamos da metodologia de estudo de caso a partir de entrevista semiestruturada realizada com a fundadora do movimento para compreender a formação e atuação do grupo, como também a influência das teorias feministas e como elas se desenvolvem nas práticas desse movimento. Em síntese, a representatividade e atuação do Movimento Loucas Pelo Treze constitui-se como um verdadeiro avanço para o âmbito do futebol paraibano, nordestino e nacional. A trajetória e motivações evidenciadas pelas falas da entrevistada e fundadora do movimento demonstram uma visão consistente e direcionada para a luta por igualdade, protagonismo feminino e sororidade entre as mulheres.

Palavras-chave: Torcida feminina. Movimento feminista. Futebol paraibano.

ABSTRACT

Studies related to gender in Physical Education and sports are essential to discuss the challenges encountered in the development of practices in both areas and, with this, generate concerns and possible answers to the problems raised. In view of this reality, we arrive at our main object of study, the Movimento Loucas Pelo Treze (MLP13), which represents a pioneering feminist movement within the stadiums of Paraíba. Thinking about the phenomenon of growth in the performance of female cheerleading groups in Brazilian stadiums, the following questions arise: how are their practices developed and how do feminist theories influence their guidelines and actions? Therefore, the development of research on these feminist collectivities in football fans makes it possible to search for answers, in addition to giving more visibility to these initiatives. In this context, we used the case study methodology based on a semi-structured interview with the founder of the movement to understand the formation and performance of the group, as well as the influence of feminist theories and how they develop in the practices of this movement. In summary, the representation and performance of the Movimento Loucas Pelo Treze constitutes a real advance for the scope of football in Paraíba, Northeastern and nationally. The trajectory and motivations evidenced by the speeches of the interviewee and founder of the movement demonstrate a consistent vision directed towards the struggle for equality, female protagonism and sisterhood among women.

Keywords: Female fans. Feminist movement. Paraíba football.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

MLP13 – Movimento Loucas Pelo Treeze

ONU – Organização das Ações Unidas

PAISM – Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

FIFA – Federação Internacional de Futebol

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CNS – Conselho Nacional de Saúde

MS – Ministério da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	12
3 REVISÃO DE LITERATURA: O MOVIMENTO FEMINISTA E SUAS TEORIAS..	14
3.1 HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA	14
3.1.1 Sufragismo	15
3.1.2 O pessoal é político! As lutas da segunda onda	17
3.1.3 Pluralidade feminina: a terceira onda do feminismo	19
3.1.4 Ciberfeminismo: o feminismo da quarta onda.....	21
4 REVISÃO DE LITERATURA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO FUTEBOL.	24
4.1 FUTEBOL: UM POUCO DE HISTÓRIA	24
4.2 ELAS E O FUTEBOL: CONQUISTAS EM JOGO	26
4.2.1 Pioneiras: torcida é sinônimo feminino.....	28
4.2.2 Entrando em campo: mulheres como praticantes de futebol	30
4.2.3 O futebol é delas: mulheres e outras funções no jogo.....	34
5 ANÁLISE DE DADOS: LOUCAS PELO TREZE, O PRIMEIRO MOVIMENTO FEMINISTA NOS ESTÁDIOS PARAIBANOS	38
5.1 LOUCAS PELO TREZE: CONHECENDO O MOVIMENTO	38
5.2 O FEMINISMO NO LOUCAS PELO TREZE	42
5.3 LUGAR DE MULHER! A REALIDADE DOS ESTÁDIOS NA PERSPECTIVA DO MLP13.....	44
6 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	57
APÊNDICE A – ENTREVISTA DE TCC	58
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA	59
ANEXOS	67
ANEXO A – SIMBÓLO DO MLP13	68

1 INTRODUÇÃO

Como mulher, torcedora e admiradora do futebol tive minha trajetória atravessada por olhares duvidosos, questionamentos constantes sobre o porquê torcer, e estereótipos de caráter masculinizante concedidos pela sociedade. Nesse ínterim, a partir das minhas vivências como figura feminina no âmbito do futebol surgiram indagações acerca da realidade que mulheres como eu, seres que torcem, praticam e vivenciam o futebol, em suas variadas formas, enfrentam. Na graduação, pude experimentar discussões que estimularam ainda mais a busca por respostas para os questionamentos que vinham sendo levantados por mim. Além disso, vi na pesquisa acadêmica uma alternativa para investigar o campo de gênero, esporte e educação física, modo pelo qual desenvolvi o presente estudo.

Os estudos relacionados a gênero na Educação Física e esportes são essenciais para pôr em discussão os desafios encontrados no desenvolvimento das práticas em ambos os âmbitos e com isso gerar inquietações e possíveis respostas para as problemáticas levantadas. Goellner (2007, p.174) comenta acerca dessa vertente de estudo e cita a contribuição das trajetórias investigadas nesse tipo de pesquisa, que uma vez evidenciadas possibilitam conhecer diferentes mulheres cujos corpos, atitudes e memórias são ressignificados e permanecem presentes nos dias atuais.

As práticas corporais foram por muito tempo local majoritariamente masculino. Baseados nos ideais de fragilidade e feminilidade que permeavam o corpo e comportamento das mulheres, os estudiosos das áreas da medicina, educação e educação física difundiam em meados do século XX as orientações a serem seguidas no desenvolvimento de práticas corporais “adequadas” à mulher. Acerca disso, Lessa (2005) *apud* Gomes (1958, p.94-95) corroboram ao descrever que a educação física para mulheres deveria considerar sua natureza específica, além de considerar as circunstâncias morais vigentes da época com vistas a não tornar a prática corporal prejudicial, escandalosa e socialmente nociva.

A natureza específica, a qual citada acima nada mais é do que a naturalização da ideia da fêmea que procria, que tem o papel de dar à luz a indivíduos saudáveis e assim cumprir seu mais expressivo papel social. Nesse contexto, os esteriótipos ligado a figura da mulher e imposição das funções que ela poderia ou não exercer acabaram por muito tempo inviabilizando-a da entrada no âmbito esportivo e em mais específico, no futebol. Contudo, o pioneirismo e as lutas de muitas figuras femininas foram determinantes em construir a entrada

da mulher nesse esporte. Sendo assim, essas trajetórias precisam ser pesquisadas, ressignificadas e documentadas de maneira que possibilite a visibilidade desses percursos e contribuição para os estudos de gênero no esporte e educação física, além de cooperar com a memória do futebol feminino.

Falando em específico da modalidade esportiva abordada nesse estudo, o futebol constitui-se como um dos esportes com maior visibilidade e popularidade no mundo. Historicamente fundamentado em ideais patriarcais e inerentes à masculinidade, o futebol e todo ambiente a ele ligado ofereceu resistência à inserção de mulheres, principalmente por ser não somente espaço esportivo, mas também social, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da ideia de que futebol não era um espaço feminino. (ECOTEN; CORSETTI, 2010)

Apesar das dificuldades encontradas, a representação da mulher torcedora tem sido cada vez mais comum, evidenciada não só nas próprias arquibancadas de estádios, mas também amplificada pelo advento da Internet e redes sociais. A participação feminina nesse espaço constitui novas formas de composição identitária e recria a apreciação do futebol, trazendo ao esporte novas demandas e significados. (COSTA, 2007)

Tendo em vista essa realidade, chegamos ao nosso objeto de estudo principal, o Movimento Loucas Pelo Treze (MLP13), o qual autodeclara-se como primeiro movimento feminista dentro dos estádios paraibanos. Pensando no fenômeno de crescimento da atuação de grupos de torcida feminina nos estádios brasileiros surgem os seguintes questionamentos: como se dá o desenvolvimento das ações dessas coletividades e de que forma as teorias feministas exercem influência em suas diretrizes e práticas? Portanto, o desenvolvimento de pesquisas sobre essas coletividades feministas nas torcidas de futebol possibilita a busca por respostas, além de conferir mais visibilidade a essas iniciativas.

Nesse contexto, buscou-se através do depoimento da fundadora do movimento compreender a formação e atuação do MLP13, suas atividades, forma de organização e qual a influência das teorias feministas nas práticas dessa coletividade de torcida. Além disso, teve o intuito de também identificar os desafios encontrados por elas. Ressalta-se também a necessidade de evidenciar a importância dessa representação feminina para o futebol e sociedade, de modo a contribuir para produção acadêmica da área de gênero, esporte e educação física, explorando uma das possibilidades de linha de pesquisa que compete aos profissionais da área e possibilitando a visualização do vasto campo de atuação do bacharel em

Educação Física.

O presente estudo dispõe ainda de três capítulos, o primeiro trata de uma revisão da literatura acerca do movimento e das teorias feministas, o segundo descreve a trajetória das mulheres nos esportes, mais especificamente o futebol, retratando suas variadas representações, inclusive a de torcedora. Já o capítulo três refere-se a análise do MLP13 a partir dos dados coletados na entrevista.

2 METODOLOGIA

Visando a ampla compreensão da atuação do coletivo feminino de torcedoras que tem se estabelecido no cenário do futebol paraibano, optamos por desenvolver um estudo de caso a partir da abordagem de caráter qualitativo. Justifica-se a escolha desse tipo de metodologia a partir da necessidade de aprofundamento do objeto de estudo em questão, com vistas a compreender sua relação com a sociedade, agentes atuantes, bem como interpretar a relevância de sua atuação. Segundo esta perspectiva de análise, Godoy (1995, p.21) defende que

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Desse modo, ao definir a abordagem do estudo como qualitativa, consideremos a definição de estudo de caso defendida por Andrade (2008)

Trata-se de uma metodologia aplicada para avaliar ou descrever situações dinâmicas em que o elemento humano está presente. Busca-se apreender a totalidade de uma situação e, criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado. (ANDRADE, 2008, p.11)

O objeto de estudo foi o Movimento Loucas pelo Treze (MLP13), formado por torcedoras do Treze Futebol Clube, da cidade de Campina Grande – PB, o qual denomina-se o primeiro movimento feminista dos estádios paraibanos. Se tratando das técnicas de coleta de dados, utilizou-se de entrevista semiestruturada com três pautas que permitiram trabalhar pontos relevantes durante seu desenvolvimento. Esse tipo de entrevista, segundo Gil (1999):

[...] apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. (GIL, 1999, p.12)

A entrevista foi realizada em 21 de fevereiro de 2022 com a fundadora do MLP13, via chamadas de vídeo nos aplicativos Google Meet e WhatsApp. Anteriormente à entrevista, a participante foi devidamente informada sobre o teor do estudo através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), por meio do qual, assinando, confirmou a

intenção de participação no estudo. Sendo assim, a ética da pesquisa foi garantida, conforme a Resolução CNS 466/12 do MS, respeitando o participante em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida.

O instrumento de coleta (entrevista) foi formulado pela pesquisadora e composto por treze questões, sendo distribuídas em três pautas as quais detalho abaixo.

A primeira pauta tratou do contexto geral e continha cinco questões que contemplavam o que é o MLP13, seus significados, ano e contexto de criação, motivações envolvidas, agentes idealizadoras e ações desenvolvidas. Já a segunda pauta continha três perguntas e preocupou-se em contemplar qual a influência das teorias feministas no MLP13, colocando sob enfoque o porquê de o movimento se intitular feminista, bem como qual o entendimento da entrevistada acerca do feminismo. Por fim, a terceira e última pauta era constituída por cinco questionamentos e consistiu em conhecer a realidade vivenciada pelo MLP13 nas arquibancadas, questionou-se à entrevistada pontos que possibilitaram compreender como era ser uma mulher integrante de torcida de futebol a partir de sua experiência e de outras mulheres, os desafios observados no contexto do futebol e torcida, incidência de violências e assédios nos estádios e avanços e perspectivas do movimento. Após a coleta de dados, iniciou-se o processo de transcrição da entrevista com vistas a dar suporte para a análise de dados.

3 REVISÃO DE LITERATURA: O MOVIMENTO FEMINISTA E SUAS TEORIAS

Ao longo de toda história das sociedades ocidentais, sempre existiram mulheres insatisfeitas com suas condições e papéis sociais, que lutaram de forma incessante na busca por direitos e liberdade. Em algumas sociedades, como na Europa medieval, a chamada Santa Inquisição, realizada pela Igreja Católica, punia as mulheres que se colocavam em oposição aos princípios por ela pregados. (PINTO, 2010, p.15). Apesar disso, apenas se observa o surgimento de um movimento social organizado na virada dos séculos XIX para XX.

Nesse contexto, apresentaremos neste capítulo o percurso histórico do movimento social de mulheres, mais conhecido como movimento feminista, abordando as conquistas pertinentes a cada fase de seu desenvolvimento, além de apresentar as figuras pioneiras nas lutas femininas que se tornaram ícones do feminismo.

3.1 HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA

O movimento feminista, conforme cita Conceição (2009, p.739)

[...] Constitui-se um agrupamento com uma dimensão teórica e política e que não apresenta explicações e interpretações fechadas sobre a realidade e relações de gênero. Daí podemos inferir que não existe uma única definição do ser mulher, e qualquer pretensão neste sentido torna-se quase impossível.

Além disso, podemos compreender o feminismo a partir de seu caráter de reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, trazendo como principais pautas a contestação sobre as relações de poder, opressão e exploração com base no gênero. Nesse sentido, a luta feminista pretende enfrentar e levantar discussões acerca do sistema de patriarcado existente, colocando em pauta normas e padrões sociais cujos efeitos se desdobram em desiguais condições de vida entre homens e mulheres. (SARTÓRIO; PRATES; FERREIRA, 2017)

Ainda, outro importante ponto discutido na teoria feminista é o conceito de gênero, tendo suas primeiras aparições por volta de 1970 em estudos da teoria social. Concebido através de produções que buscavam compreender a desigualdade entre homens e mulheres e a condição feminina, o gênero seria a alternativa para pensar além do biológico quando trata-se de feminino e masculino, afirmando que eles se inserem nas relações sociais de poder. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Outrossim, temos como marco precursor do movimento de mulheres as ações de duas figuras expressivas: a francesa Olympe de Gouges e a britânica Mary Wollstonecraft. Gouges, no auge da Revolução Francesa chamou atenção para a necessidade de estabelecer os direitos

das mulheres e esses anseios foram descritos mais tarde na *Carta dos Direitos da Mulher e Cidadã* (1971), defendendo o acesso das mulheres francesas ao voto, à propriedade e à liberdade profissional. Já Mary, em 1972, discorreu em seu livro *Uma defesa dos direitos da mulher* acerca da necessidade de acesso das mulheres à educação e importância da igualdade para o progresso da sociedade. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016)

Ademais, é a partir da ação dessas pioneiras que começa a se pensar na divisão do movimento de mulheres em quatro momentos, as chamadas ondas, de forma a compreender mais claramente sua história. Para Duarte (2003, p.152)

As décadas em que esses momentos-onda teriam obtido maior visibilidade, na minha avaliação, ou seja, em que estiveram mais próximos da concretização de suas bandeiras, seriam em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970. Foram necessários, portanto, cerca de cinquenta anos entre uma e outra, com certeza ocupados por um sem número de pequenas movimentações de mulheres, para permitir que as forças se somassem e mais uma vez fossem capazes de romper as barreiras da intolerância, e abrir novos espaços.

Nos tópicos a seguir caminharemos na linha histórica dos quatro grandes momentos do feminismo, discutindo os acontecimentos e principais nomes de cada onda, com vistas a compreender como se deu o processo de evolução do movimento feminista e qual a influência desse histórico nas lutas da atualidade.

3.1.1 Sufragismo

A primeira onda do feminismo refere-se aos acontecimentos de meados do século XIX, onde as mulheres começaram a organizar reivindicações por direitos mais igualitários. Acreditava-se que tal finalidade seria alcançada através da educação e do conhecimento e de uma relação mais simétrica dentro do casamento.

Ainda, o primeiro momento do movimento feminista sofreu influência de ideais do período do Renascimento, pois nesse período o estímulo ao conhecimento e igualdade já eram observados. Posteriormente, com a chegada da Modernidade, o feminismo começa a se organizar como movimento reivindicatório com constantes mudanças no paradigma de pensamento, nesse momento as mulheres começaram a apresentar ideias diferentes no contexto educacional, social e político, direitos reservados somente ao sexo masculino (DUARTE, 2003).

Esse “despertar” das mulheres em querer deixar suas contribuições intelectuais em diversos contextos as possibilitou a participação em grandes acontecimentos históricos, a citar a Revolução Francesa, carregada de ideais iluministas que tinham como bandeira aspectos

como a igualdade, liberdade e fraternidade, esses corroboram os anseios das mulheres da época. Apesar da colaboração efetiva das mulheres nesse contexto, as conquistas trazidas pela Revolução Francesa foram desfrutadas pelos homens que seriam considerados a partir de então, sujeitos de direitos. (SIQUEIRA; BUSSINGUER, 2020)

Nesse contexto de Revolução Francesa e de efetiva participação de mulheres, surge o que se considera como a primeira publicação feminista “Direitos da Mulher e da Cidadã” da escritora francesa Olympe de Gouges. Nesse documento, ela questiona os direitos conquistados pelos homens e descritos na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão – 1789 buscando convencer os leitores de que as mulheres teriam de usufruir os iguais direitos concedidos a eles. (SILVA et al, 2021)

A partir do século XX, organizações de movimentos de cunho feminista passam a ser observados de forma mais notória, a exemplo das ações das *sufragistas*¹, como eram chamadas na época as mulheres que reivindicavam o direito ao voto. Elas começaram a ganhar notoriedade primeiro na Inglaterra com a organização de grandes greves e protestos e o direito só foi concedido por volta de 1918. No Brasil, após muita luta as mulheres só tiveram acesso ao voto em 1932 quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro.

Nesse cenário, cabe citar a importância de Bertha Lutz, bióloga, cientista e precursora do sufragismo brasileiro que após ter contato com o movimento sufragista enquanto estudava na Europa, trouxe as ideias para o Brasil e começou sua luta pelos direitos das mulheres brasileiras. Uma de suas mais marcantes contribuições foi a criação da Federação pelo Progresso Feminino em 1922, além da participação no comitê de elaboração da Constituição brasileira de 1934, que garantiu direitos políticos igualitários às mulheres. (MONTEIRO e GRUBBA, 2017)

Essas ações, apesar de nem sempre alcançar os objetivos finais, estimularam a reflexão acerca das reivindicações femininas, causando certa inquietação para sociedade no geral e para as demais mulheres que até então não estavam engajadas ao movimento feminista, ao ponto de fazer pensar sobre os papéis que adotavam na sociedade, os direitos que possuíam e os impedimentos que encontravam em suas realidades. (PINTO, 2010).

¹ mulheres que reivindicavam a participação ativa na política e o direito ao voto. O movimento sufragista iniciou-se no século XIX, mas suas discussões já eram existentes desde o século anterior e se manifestaram em diversos países do mundo. As primeiras conquistas de direito ao voto feminino foram na Nova Zelândia (1893) e Finlândia (1906).

3.1.2 O pessoal é político! As lutas da segunda onda

Nesse segundo momento, compreendido entre os anos de 1960 e 1980 mesmo com algumas conquistas, como o já citado direito ao voto, às mulheres ainda não eram de fato vistas com igualdade nos espaços sociais. Conceição (2009, p. 740) explica que as reflexões e produções feministas até a década de 70 tinham como objeto central “a mulher” no singular. Tendo a preocupação em explicar as causas da opressão feminina, da subordinação da mulher na história do patriarcado.

Ainda, Silva et al (2021) comentam que a persistência da subordinação das mulheres fez com que algumas questões viessem à tona: “será que elas seriam naturalmente inferiores aos homens e por isso não alcançavam na prática essa igualdade?”. (SILVA et al, 2021, p.108) Por consequência, começa-se a questionar a ideia de mulher, de feminilidade. É a partir desse momento que grandes nomes do feminismo surgem para contribuir na construção de conhecimento e teorias que buscam explicar tais indagações.

Não restam dúvidas que um dos nomes mais importantes dessa segunda onda e da história do movimento feminista é Simone de Beauvoir, trazendo contribuições marcantes, como sua obra mais famosa intitulada *O segundo sexo*. Nela, Beauvoir nos presenteia com uma das máximas do feminismo quando afirma que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, acompanhada da explicação que “nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a forma que a mulher ou a fêmea humana assume no seio da sociedade” (SANTOS, 2010, p. 117 *apud* BEAUVOIR, DS II, 1980. p. 9). Com isso, Beauvoir trazia a concepção de que o conjunto da sociedade que moldaria ou articularia o ser feminino na cultura.

Outra questão que cabe ser mencionada é a condição do “outro” imposta às mulheres pelos homens segundo Beauvoir, conforme cita

[...] Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto, votá-la à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. (BEAUVOIR, DS I, 1980, p. 23)

Esse papel de “outro” ou “segundo” como descrito em sua obra acaba por conferir à mulher uma constante opressão e domínio, privando-a da liberdade e corroborando com outro

conceito importante tratado pela autora, o de desigualdade social que segundo ela torna inviável a reciprocidade entre gêneros e ainda restringe a mulher não somente a condição de “outro”, mas de “outro desigual”. (SANTOS, 2010, p. 17 *apud* KRUKS, 1992, p. 101).

Nesse ínterim das décadas de 60 a 80 nomes importantes para o feminismo se destacam nos Estados Unidos, dentre eles Betty Friedan e Carol Hanisch que trataram da realidade vivenciada pelas mulheres americanas e os rótulos criados para moldá-las como cuidadoras do lar e donas de casa ideais para aquela sociedade.

Assim sendo, o trabalho dessas duas ativistas estimulou grandes reflexões através dos relatos das próprias mulheres que passaram a reunir-se para expor as opressões que viviam em suas vidas privadas que, conforme Silva et al (2021, p.109), “não poderia ser visto apenas como um problema privado, mas, sim, como um problema de interesse público” mudando a estrutura pública em relação à estrutura privada, fazendo com que as situações de violência que as mulheres sofrem em sua vida privada também sejam transformadas.

A partir dos acontecimentos acima mencionados, o movimento feminista passa a se desenvolver de forma mais visível pelo mundo. O ano de 1975 marca uma conquista expressiva para as mulheres, ocorrendo a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, na Cidade do México realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), o ano passou a ser denominado como Ano Internacional das Mulheres, fortalecendo a luta do feminismo.

Desse modo, as mulheres que agora possuíam certo grau de apoio de instituições internacionais renomadas como a ONU passaram a se organizar em grupos de caráter reivindicatório, como movimentos sindicais na busca de melhores condições de trabalho, e ainda, lutando por direitos sociais e políticos. Além disso, no período de redemocratização pós ditadura militar do Brasil a notoriedade das ações dessas organizações feministas não governamentais impunha sobre o Estado a obrigação de implementar políticas públicas mais eficazes para as mulheres.

Outros momentos dessa segunda onda valem ser mencionados, a citar a criação das primeiras delegacias femininas no Brasil, em 1985 no estado de São Paulo com a finalidade de proteger mulheres em condições de vulnerabilidade. Nesse contexto, o país passava por uma redemocratização pós ditadura militar e o avanço dos coletivos feministas estimulou o olhar para violência sofrida pelas mulheres.

Cabe ainda ressaltar a conquista do controle sobre a fecundidade através da

anticoncepção que foi possível a partir da proposta de incorporação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) à rede pública de saúde pelo governo brasileiro. Essa estratégia foi criada em 1984 e abrangia todas as demandas relacionadas à saúde da mulher, não somente a concepção e a anticoncepção. Ainda sobre a questão do direito sobre o corpo, Silva (2021, p.111) afirma que

O movimento feminista conquistou os direitos sobre o seu corpo, fortalecendo valores através de lutas constantes que ensejaram em discussão e ampliação desse tema, desenvolvendo outras políticas públicas como sexualidade feminina, violência contra a mulher, direitos reprodutivos, programa de combate ao câncer de mama e colo de útero entre outros. Houve sim uma evolução de concepção e valores que eram discriminados, marginalizados e proibidos.

No próximo tópico discorreremos acerca dos marcos da chamada terceira onda do feminismo que nos apresenta um novo contexto e formas de luta, além da pluralidade existente entre os coletivos de mulheres.

3.1.3 Pluralidade feminina: a terceira onda do feminismo

Esse novo momento do feminismo, compreendido entre o fim da década de 80 e início dos anos 90 carrega consigo o olhar para pluralidade de grupos femininos, uma vez que começa a considerar, segundo Caetano (2017, p. 7) “a análise da diferença dentro da semelhança”. Passa a se reconhecer que as mulheres não são iguais entre si, pois contam com a presença de elementos que as diferenciam como a classe e a raça, estimulando relações de dominação e subordinação, impossibilitando uma efetiva solidariedade entre elas. (CAETANO, 2017). Desse modo, observou-se que existiam demandas específicas para cada grupo de mulheres. Acerca desse terceiro momento do feminismo, Zirbel (2021, p.21) cita

É comum descrever a nova fase, pelo menos nos EUA, como marcada por discussões e disputas internas, contrastando com as décadas anteriores, que teriam agrupado diferentes grupos de mulheres em torno de uma identidade comum (de mulher). No entanto, essa narrativa simplifica as discussões e os debates que acompanham a história do feminismo, ao mesmo tempo que fixa a crítica racial e sexual protagonizada por inúmeras mulheres em uma década específica.

Assim sendo, essa narrativa simplista do que é ser mulher citada por Zirbel e que vinha sendo usada desde os primeiros momentos do movimento feminista não conseguia abarcar a diversidade de mulheres e de demandas, fato que fomentou discussões de forma mais expressiva na terceira onda. Contudo, as reflexões acerca disso já vinham ganhando forma a partir do início da década de 70, onde Conceição (2009, p. 739) afirma que houve uma mudança de enfoque nos estudos feministas. Até os anos 70 o objeto central das produções era a “mulher”, no singular e se atentavam a explicar as causas da opressão e subordinação

feminina.

Desse modo, ainda segundo Conceição (2009, p.740) “era muito difícil o trabalho científico, porque a mulher enquanto objeto ideal, só existe em nível de ideologia”. A mudança de enfoque ocorre ainda em meados da década de 70, quando os estudos começam a tratar de “mulheres”, no plural. Vale salientar que nesse período iniciaram-se também as teorias acerca do sistema sexo/gênero. Reforçando as ideias de Conceição (2009) sobre essa reformulação de conceitos das teorias feministas, Zirbel (2021, p.21) *apud* Hemmings (2009, p. 216) explica que “a desconstrução da categoria mulher não é algo que ocorre a partir dos anos 90, mas é uma das preocupações mais duradouras para a maioria das feministas, de distintas épocas”.

Outrossim, a diversidade de grupos, indivíduos, pautas e estratégias começa a ser evidenciada, sobretudo através do auxílio das novas tecnologias de comunicação que avançavam na década de 90. Feministas latinas, negras, revolucionárias, proletárias, lésbicas, transexuais, pró-sexo, antipornografia e entre outros fomentaram o debate feminista por todo o século XX. ZIRBEL (2021, p.22)

Além disso, outro ponto a ser mencionado é a polarização do movimento feminista indicada por Hooks (2018), a autora cita a existência de dois tipos de pensadoras feministas: as reformistas que escolhiam enfatizar a igualdade de gênero e as revolucionárias (como a própria Bell Hook) que não desejavam somente alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos, mas também transformar aquele sistema com vistas a acabar com o patriarcado.

Ainda nesse interim, evidenciava-se o embate entre grupos específicos, o feminismo negro mundialmente representado por Bell Hooks, Ângela Davis, Patrícia Hill Colins, entre outras, além Lélia Gonzales no Brasil reivindicava seu espaço, que segundo Hooks havia sido minimizado pela ação da mídia que sempre deu destaque para as experiências e narrativas de mulheres brancas de classe média. (ZIRBEL, 2021, p.21 *apud* HOOKS, 2015 e 2018, cap. 2). Nesse ínterim, Hooks (2018, p.20) cita que

Mesmo antes de raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para as mulheres negras (e para as revolucionárias aliadas da luta) que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente.

Tal fato exposto por Hooks é tratado no estudo de Pinto (2010, p.15) que argumenta que a produção da teoria feminista foi impulsionada por “mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas das Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise”. A autora afirma ainda que tal fato seria uma particularidade do movimento feminista, considerando a produção de sua própria teoria.

Além disso, segundo Hooks (2018) a teoria feminista que conseguia ter mais aceitação e ser difundida pela mídia para o público era a de grupos reformistas e majoritariamente formados por mulheres brancas, enquanto o pensamento feminista revolucionário “era mais aceito e adotado nos círculos acadêmicos. Nesses círculos, a produção de teoria feminista revolucionária progrediu, mas com muita frequência não estava disponível para o público.” (HOOKS, 2018, p.22)

Outro aspecto a ser mencionado é a ampliação do uso de ferramentas conceituais elaboradas no fim dos anos 70 e durante os anos 80, restritas até então às academias e que nessa terceira onda começam a ser utilizadas por diferentes grupos em suas discussões cotidianas. Os conceitos de gênero, interseccionalidade², consubstancialidade do poder, conhecimento situado e outros ganham aplicação nos debates e permitem o aprofundamento da observação das distintas e simultâneas formas de opressão vivenciadas por uma mesma mulher, assim como da questão das diferenças e da diversidade internas ao movimento feminista.

Ademais, essa terceira onda carrega consigo uma variedade de pautas, desde as mais antigas como busca por direitos mínimos de cidadania, até as lutas por representatividade na justiça e política e controle do próprio corpo. Além disso, algumas pautas seguiram sendo comuns à maioria das feministas, a exemplo da luta contra a exploração, a violência física e psicológica, o feminicídio, a discriminação no trabalho, as jornadas duplas ou triplas, os privilégios masculinos. É coerente dizer que essa variedade de reivindicações é estimulada pelo estabelecimento do entendimento de pluralidade feminista.

Destarte, o próximo subcapítulo apresentará o quarto momento do feminismo, caracterizado, sobretudo pela expansão da tecnologia, internet e redes sociais. Compreenderemos como esse fenômeno impulsionou o ativismo e divulgação do movimento feminista.

3.1.4 Ciberfeminismo: o feminismo da quarta onda

A quarta onda do movimento feminista se liga diretamente a disseminação das tecnologias da informação, internet e redes sociais. Esse novo momento é marcado pelo ativismo virtual, ou ciberativismo³, pelo qual se expressam as pautas e mobilizações do

² A interseccionalidade, segundo Akotirene (2019) é compreendida como “sistema de opressão interligado” que circunda a vida de mulheres negras.

³ Para Vegh (2003), o ciberativismo é conceituado como utilização da Internet por movimentos politicamente motivados. O autor explica ainda que existem três categorias de atuação do ciberativismo, sendo elas: conscientização e promoção de uma causa, organização e mobilização a partir da Internet e ação e reação (como o ativismo hacker)

movimento nos ambientes virtuais. (SILVA et al, 2021, p.113)

Segundo Rocha (2017, p. 11), as mudanças sociais advindas do desenvolvimento da tecnologia da informação e o panorama estabelecido a favor da promoção e divulgação dos ideais que constituem o movimento social feminista são as principais motivações para considerar esse período como uma nova onda. A autora ainda reforça que “as ferramentas tecnológicas têm-se demonstrado um ativo de grande valor na difusão de ideias, manifestos e produção de mudanças culturais; inserindo em seu bojo a defesa e disseminação de movimentos sociais relevantes, como o feminismo.” (ROCHA, 2017, p.11)

Apesar dos estudos indicarem que a quarta onda está inserida no período do século XXI, uma das altas produções dessa fase surge ainda no ano de 1991 com o Manifesto Ciberfeminista, escrito por um grupo de mulheres para homenagear a filósofa e bióloga Donna Haraway⁴. Elas tomaram as ideias da autora como base teórica para praticar o ativismo político. (ROCHA, 2017, p.58 apud LEMOS, 2009, p. 41)

Em sua obra Manifesto Ciborgue (1984), Haraway “propõe uma revolução ciborgue através das mulheres que, ao se apropriarem estrategicamente do conceito ciborgue e das tecnologias de comunicação, poderiam assim promover uma nova articulação dos espaços físicos e discursivos.” (ROCHA, 2017, p.58 apud LEMOS, 2009, p. 47)

Para Perez e Ricoldi (2019), a partir do uso das novas tecnologias e meios de comunicação possibilitou-se expandir as ideologias feministas como a defesa dos direitos de igualdade através de discursos virtuais, empoderando cada vez mais as mulheres, propiciando um novo mecanismo de fala. Além de facilitar a ampliação de informações em grande escala de idealizações feministas, o mundo digital proporcionou a mobilização política das mulheres, que por meio das redes sociais são organizadas ações, reuniões, manifestações, protestos e divulgação dos resultados.

Além disso, na conjuntura da quarta onda é possível observar a maior disseminação de conceitos que começaram a ser expandidos ainda na terceira fase, como a interseccionalidade, descrita por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) como

⁴ Filósofa, bióloga e teórica feminista estadunidense, Haraway é conhecida por suas contribuições em diversas áreas, a citar o feminismo, tecnociência, primatologia e estudos pós-coloniais, seus estudos e teorias são referências contemporâneas em todas os campos citados.

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Também, Rocha (2017, p.67) trata o papel da interseccionalidade nos discursos feministas como algo que o permeia e caracteriza a configuração de um movimento social em rede, onde pautas diversas universalizam-se em caráter de luta coletiva, angariando a disseminação de problemáticas sociais plurais. Considerando que nesse contexto do feminismo grupos distintos de mulheres se organizam pela luta de seus direitos e espaços, consequentemente possuindo pautas plurais, as ações interseccionais permitem a análise das múltiplas diferenças e desigualdades desses grupos. A quarta onda é, portanto, reconhecida pela incorporação dos diversos feminismos de correntes horizontais, como o negro, lésbico e o masculino e os LGBT.

De tal modo, a difusão dessas ações interseccionais no mundo digital, permite o alcance de grande número de pessoas, possibilitando a transmissão de conhecimento sobre as suas intervenções no combate ao racismo, homofobia, lesbofobia e LGBTfobia. Esse caráter de democratização de informações possibilitado pela internet permite o recebimento de denúncias de casos de preconceitos de diversas formas, trazendo novas lutas para as feministas. (SILVA et al, 2021 p. 114 *apud* PEREZ; RICOLDI, 2019).

Outro aspecto importante dessa quarta onda do feminismo é o surgimento de organizações fluídas, os coletivos femininos, geralmente formados por acadêmicos que promovem discussões e debates periódicos sobre questões de gênero, raça e sexualidade dentro da universidade. Apesar de possuir certa característica acadêmica, os coletivos tendem a expandir suas discussões também para o meio digital, conectando e mobilizando mais pessoas. (SILVA et al, 2021).

Por fim, é notória a pluralidade de indivíduos e lutas existente no movimento feminista desde suas primeiras manifestações. Compreender como se desenvolveram os quatro momentos acima citados permite enxergar as tantas lutas que as mulheres passaram e passam na sociedade. A busca por voz, respeito, liberdade e igualdade de direitos perpassa muitos âmbitos, inclusive o esportivo que será retratado a partir do próximo capítulo.

4 REVISÃO DE LITERATURA: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO FUTEBOL

“Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada”

(Eduardo Galeano)

As lutas e conquistas do movimento feminista, apresentadas no capítulo anterior, conferiram as mulheres a possibilidade de ocupar espaços anteriormente ditos hegemonicamente masculinos, subvertendo essa dominação com vistas a conquistar mais igualdade de oportunidades. Desse modo, o âmbito esportivo e especificamente o futebol apresentam-se como territórios que passaram a ser marcados pelo acesso de mulheres, apesar de sempre oferecer resistência e demonstrar preconceitos. (ECOTEN, 2013)

Sendo assim, neste segundo capítulo nos empenharemos em discutir acerca das representações femininas no futebol, compreendendo como se deu o acesso das mulheres nesse meio esportivo, quais os papéis que elas ocupam e quais os avanços e conquistas já observados desde o início dessa trajetória.

4.1 FUTEBOL: UM POUCO DE HISTÓRIA

Datado do século XVIII, o futebol tem suas raízes na Inglaterra. Inicialmente praticado entre os jovens nas escolas e universidades da burguesia inglesa e com marcante caráter excludente, o esporte logo se espalharia pelas camadas menos abastadas da sociedade no chamado processo de proletarização do futebol (KUPPER e MENDES, 2017). Outrossim, a disseminação da prática estava diretamente ligada à industrialização e urbanização vivida pela Inglaterra já no século XIX, esses dois possibilitaram a consolidação de novos hábitos culturais, a que Pierre Bourdieu denomina violência simbólica⁵. (KUPPER, 2018).

⁵ Consiste na imposição e perpetuação de valores culturais da classe dominante, naturalizando-se entre os indivíduos de classes menos abastadas. Segundo Bordieu (1977, p.22) é “uma violência que se exerce com a

Se tratando do futebol moderno, tal qual conhecemos hoje, seu início se dá em 1863 na cidade de Londres a partir da criação da Football Association, esta composta por onze clubes e escolas inglesas. A partir disso, no mesmo ano criam-se as 14 primeiras regras do futebol (atualmente são 17) e essas passam a ser publicadas em livros e cartilhas, distribuídas pelo país, popularizando o esporte entre os ingleses.

Além disso, é válido mencionar que a expansão marítima da Inglaterra e suas dominações territoriais e comerciais pelo mundo segundo Mascarenhas (2014, p.39) “[...]favoreceu amplamente a difusão dos esportes modernos por ela engendrados, conferindo um traço de unidade cultural ao vasto império”. Sobre esse fato, se tratando da influência inglesa no Brasil, Mascarenhas (2014, p.49) completa que nosso litoral não apenas recebeu os “[...]numerosos produtos da poderosa indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados civilizadores, entre os quais a prática esportiva, principalmente a partir de 1850”.

Ainda se tratando do Brasil, o fenômeno futebol começara a ser introduzido no século XIX, a partir das já mencionadas excursões marítimas inglesas. Porém, um marco histórico da vinda do esporte moderno ao país acontece no ano de 1894, com a chegada do então percussor da modalidade em terras brasileiras, Charles Miller⁶. Da Inglaterra Miller trazia consigo uniformes e bolas de jogo, para além do conhecimento da prática esportiva em questão. (WITTER, 2003). Ainda, o extenso litoral brasileiro que contara com numerosos portos permitiu a entrada do esporte bretão de forma intensa, mas apesar disso, São Paulo é considerada como palco das primeiras apresentações do ludopédio⁷ em solo brasileiro.

Todavia, alguns autores defendem a ideia do pioneirismo das instituições jesuítas e maristas no surgimento e desenvolvimento do futebol no país. Para Kupper (2018, p.221) *apud* Santos Neto (1994, p. 27)

O futebol teria sido introduzido enquanto atividade no Brasil a partir do Colégio Jesuíta São Luís, na cidade de Itu, São Paulo, a partir das visitas de professores jesuítas a instituições de ensino europeias. Tais professores teriam trazido ao país o futebol—especificamente no colégio em questão —, introduzindo-o como atividade recreativa entre os discentes. Algumas citações apontam que clérigos católicos viam no futebol uma forma de solucionar problemas disciplinares entre os discentes.

cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”.

⁶ Paulistano filho de pai escocês e mãe brasileira de descendência inglesa, Charles Miller é conhecido mundialmente como precursor do futebol no Brasil (SANTOS, 2013).

⁷ designação antiga de futebol

Retomando ao processo de disseminação do futebol em solo brasileiro pelos imigrantes ingleses, Mascarenhas (2014, p.71) ressalta que “[...]a prática de esportes ao ar livre, por exigir espaços abertos, faziam-nos frequentemente recorrer a praças, parques, praias e terrenos baldios, tornando a atividade visível à comunidade local e, portanto, passível de assimilação”. Esse seria um fator preponderante que atrairia a atenção dos brasileiros e a consequente curiosidade pela prática.

Fazendo referência ao objeto do presente estudo, é preciso lembrar as origens e objetivos do futebol moderno, para assim compreender que a prática já nasce com caráter exclusivo e excludente, sobretudo por ter sido iniciada, Segundo Garcia (2018, p. 499) “[...]em escolas públicas masculinas na Inglaterra, onde os jogos se transformaram em atividades com regras e a diferenciação do desempenho de meninas e meninos passou a determinar os modos de participação de ambos os sexos nas práticas esportivas”.

Tomando como referência essa diferenciação e alocações de meninas e meninos em práticas esportivas “condizentes a sua natureza”, no próximo tópico nos debruçaremos um pouco na história da participação das mulheres no futebol desde seu surgimento até sua expansão e popularização como um dos maiores esportes do mundo.

4.2 ELAS E O FUTEBOL: CONQUISTAS EM JOGO

Como já citado no capítulo anterior, o movimento feminista que surge em meados do século XIX começa a se difundir pelo mundo, inicialmente na Europa e Estados Unidos, trazendo as reivindicações e lutas das mulheres por direitos mais igualitários em diversos contextos sociais, como política, educação e casamento. Sendo assim, com o avanço da luta feminista, as mulheres passam a pôr em debate também sua participação e posição no âmbito esportivo que constantemente foi marcada por preconceitos e impedimentos (ECOTEN, 2013).

Quando retomamos ao início da popularização e difusão do futebol pelo mundo, no século XIX, encontramos o seguinte cenário descrito por Garcia (2018, p.501-502)

No século XIX, as práticas esportivas estavam impregnadas de uma concepção de masculinidade que celebrava a competitividade e a dominação física. Em contraste, a participação das mulheres em atividades físicas e esportivas era tema de grandes debates quanto ao tipo e à quantidade de exercícios que seriam convenientes para sua suposta natureza mais delicada. Com efeito, a ideologia vitoriana apresenta as mulheres como fortes apenas no âmbito moral e espiritual, mas física e intelectualmente débeis.

Ademais, a suposta natureza mais delicada a qual citada acima nada mais é do que a naturalização da ideia da fêmea que procria, que tem a função de dar à luz a indivíduos saudáveis e assim cumprir seu mais expressivo papel social. A ideia de Garcia (2018) é reforçada por Goellner (2005, p.144) tratando a prática de exercício físico pelas mulheres como “[...]uma maneira de melhor preparar as mulheres para a condução de uma boa maternidade”.

Desse modo, baseados nesses ideais de fragilidade e feminilidade que permeavam o corpo e comportamento das mulheres, os estudiosos das áreas da medicina, educação e educação física difundiam em meados do século XX as orientações a serem seguidas no desenvolvimento de práticas corporais “adequadas” à mulher.

Como exemplo

[...]a educação física da mulher deve ser orientada em função de sua natureza específica, e tendo, além disso, em consideração as circunstâncias de ordem moral que urge ter presente, a fim de que essa Educação não se torne prejudicial ou escandalosa e socialmente nociva (LESSA, 2005 *apud* GOMES, 1958, p.94-95).

Essa posição passiva e regada de interdições a qual as mulheres eram submetidas no âmbito físico e esportivo era cada vez mais reforçada pela criação de leis que literalmente proibiam a prática de esportes “incompatíveis a sua natureza”, como citado pelo Decreto-Lei nº3199 que vigorou no Brasil de 1941 a 1975. Entre os esportes mencionados no documento estavam qualquer tipo de luta, futebol de salão, de praia, polo aquático, polo, rúgbi, halterofilismo e beisebol. (GARCIA, 2018)

Retomando ao futebol, esse esporte historicamente fundamentado em ideais patriarcais e inerentes à masculinidade, assim como todo ambiente a ele ligado, ofereceu resistência à inserção de mulheres, principalmente por ser não somente espaço esportivo, mas também social. Assim sendo, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da ideia de que futebol não era um espaço feminino. (ECOTEN; CORSETTI, 2010)

Apesar disso, a popularidade que o futebol começava a alcançar no Brasil fez com que o esporte se tornasse uma das principais práticas de lazer da elite brasileira, e posteriormente das demais camadas sociais, influenciada diretamente pelo modo de vida europeizado que se difundia pelo país. (ECOTEN, 2013).

Sendo assim, no próximo tópico apresentaremos como se deu a inserção das mulheres nas torcidas de futebol, desde as primeiras aparições até a participação nas torcidas organizadas que preenchem os estádios na atualidade.

4.2.1 Pioneiras: torcida é sinônimo feminino

A onda cultural europeia trazida pelos imigrantes influenciava a elite brasileira em seu novo modo de vida. Aos poucos, o cenário colonial cedia espaço para a República e os costumes da sociedade obtinham cada vez mais as características da *Belle Époque*⁸, fazendo com que as práticas esportivas se tornassem as atividades de lazer oficiais da alta sociedade no país. (ECOTEN, 2013)

Nesse interim, o futebol passa a ser praticado pelos homens da burguesia brasileira, e as partidas tornam-se os eventos oficiais dos fins de semana, tal como as missas, envolvendo a participação passiva de toda a família, inclusive das mulheres. Sendo assim, mesmo que timidamente, a participação feminina no futebol inicia-se na condição de espectadoras, acompanhando seus pais, irmãos e maridos nos jogos. (LIMA, 2016)

Além disso, essa participação feminina nas arquibancadas influenciaria até a criação do termo “torcedor”, como referência a ação de “torcer lenços” que o público feminino realizava durante os jogos. Os lenços eram levados pelas mulheres para saudar os jogadores no início das partidas e ao longo do jogo eram torcidos representando gestos de aflição, considerando que os gritos e xingamentos comuns àquele ambiente não seriam atitudes adequadas às moças da época. (MARTINS, 2017 apud HOLLANDA, 2008, p. 96).

Aos poucos, o futebol espalhava-se pelas camadas populares da sociedade brasileira e os campos começavam a ser preenchidos por atletas pobres, operários e trabalhadores fabris que destacavam-se não pelo sobrenome – como os rapazes de famílias influentes da sociedade – mas pelo talento e bom desempenho no esporte bretão. Tal mudança no cenário futebolístico também afetaria as arquibancadas que agora passariam a ser ocupadas por mulheres das classes populares do país.

No auge de sua popularidade no Brasil, com a criação de cada vez mais agremiações, o futebol reunia admiradores que escolhiam por qual time torcer. É nesse interim que se organizam as primeiras torcidas, a qual Sobrinho (1997, p.4) denomina “torcida voluntária” e que segundo autor são “[...]torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube”.

⁸ Denomina-se Belle Époque o período cosmopolita de expansão e progresso das potências europeias, sobretudo a nível intelectual e artístico. Normalmente é colocado entre o fim da segunda metade do século XIX e o começo do século XX, tendo seu auge nos anos de 1900 e terminando em 1914 com a chegada da Primeira Guerra Mundial. (LIMA, 2018)

Entretanto, ao passo em que os torcedores criavam mais identificação com a modalidade e com os clubes, surge a necessidade de unificar grupos específicos de cada equipe, dando origem as torcidas uniformizadas. Os primeiros grupos uniformizados criados no Brasil foram a Torcida Uniformizada do São Paulo Futebol Clube, em 1940, por Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel e, em 1942, a Charanga do Flamengo por Jaime Rodrigues de Carvalho. (SOBRINHO E CÉSAR, 2013). Mais tarde, em 1960, as torcidas uniformizadas dariam origem aos coletivos mais conhecidos do futebol atualmente, as torcidas organizadas.

Descrito o processo de surgimento das torcidas brasileiras, voltaremos para a participação feminina. Segundo Costa (2006, p.1), a mulher como ser-que-torce

[...]vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados.

As mulheres compõem hoje inúmeros bondes em torcidas organizadas no país, a citar Camisa 12 (RJ - Vasco da Gama), Dragões da Real (SP - São Paulo Futebol Clube), Galoucura Feminina (MG - Atlético Mineiro), Gatas da Fiel (Pará - Paysandu), Esporão Feminino da Torcida Jovem do Galo (PB- Treze Futebol Clube) o que evidencia maior participação feminina nesse meio.

Além disso, outros coletivos de torcida feminina que não têm ligação com as práticas das torcidas organizadas tem se difundido pelos estádios brasileiros, a exemplo do próprio objeto desse estudo, o Movimento Loucas Pelo 13 (MLP13). Esses coletivos costumam ter em comum a influência dos ideais feministas em suas práticas, tornando o torcer um ato de luta por igualdade de direitos e de quebra dos preconceitos vivenciados pelas mulheres no âmbito do futebol. É o que reforça Pinto (2018, p.4) ao citar que “A repercussão desses ativismos contribui para a ampliação do empoderamento feminino e também para a desnaturalização de situações de violência ou opressão tratadas como comuns no cotidiano.”

Ademais, a legitimação do espaço das mulheres nas arquibancadas e seu envolvimento nas torcidas ainda são questionados pela grande massa masculina que ocupa os estádios e que tende a perpetuar os preconceitos de gênero no âmbito esportivo. Todo esse processo de ocupação majoritariamente masculina dos estádios acaba por constituí-los como um espaço legitimado para homens. Reafirmam-se como citam Bandeira e Sefner (2018, p.293) como: “[...] um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e

representa masculinidades.”.

Nesse sentido, é comum observar os estereótipos criados para representar o público feminino, é o que Stahlberg (2011) apresenta em sua pesquisa, na qual estabelece três imagens que são frequentemente associadas às mulheres que torcem: modinha⁹, maria-chuteira¹⁰ e mulher-macho¹¹.

Diante disso, é nítido o cenário desafiador que as mulheres encontram no universo futebolístico, o qual os preconceitos da sociedade patriarcal tendem a ser atuantes de forma ampliada. Contudo, a figura feminina já ocupa para além das arquibancadas outras funções no futebol, é o que trataremos no próximo tópico dando ênfase à mulher enquanto jogadora.

4.2.2 Entrando em campo: mulheres como praticantes de futebol

No tocante à inserção da mulher como praticante do futebol, relembremos o discurso higienista e eugenista que imperava no Brasil em meados dos séculos XIX que considerava as mulheres como fisicamente débeis e de natureza frágil. Partindo disso, surgem prescrições específicas sobre os esportes “incompatíveis” com as mulheres, a citar o Decreto-lei 3.199 que vigorou no Brasil de 1941 a 1979, impedindo a prática esportiva de mulheres em “desportos incompatíveis com as suas condições de natureza”. Mais tarde, em 1965, esse decreto passa a ser regulamentado pelo Conselho Nacional de Desportos proibindo as mulheres de praticar qualquer tipo de luta, futebol de salão, de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e beisebol. (GARCIA, 2018)

Apesar disso, décadas antes de tal proibição o futebol já havia despertado o interesse das mulheres. Sobre esse contexto, Moura (2003, p. 8-9) esclarece que

No Brasil, temos, como data da primeira partida de futebol feminino, o ano de 1921, ocorrida na capital paulista no dia 28 de junho, na qual se defrontaram senhoritas Tremembenses e Cantareirenses. No entanto, esta data contradiz as informações de José Sebastião Witter, apud Franzini (2000: 51): ‘[...] no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo’

Como visto, não é possível referir-se com exatidão ao início da prática do futebol por mulheres no Brasil, fato que reflete a existência de poucas fontes de informação acerca do fato e a contradição existente entre os autores que as documentaram. Entretanto,

⁹ Definida como a mulher que alega torcer por um time, mas tende acompanhá-lo somente em boa fase e pouco conhece ou entende sobre a agremiação e a modalidade em si.

¹⁰ Terminologia ligada à mulher que teria mais interesse nos jogadores do que no próprio clube.

¹¹ Denominação preconceituosa dada às mulheres que gostam de futebol e são vistas como masculinizadas e comumente questionadas acerca de sua orientação sexual.

consideremos o período entre 1913 e 1921 como surgimento da prática dessa modalidade pelo público feminino. Além disso, em 1940 começam a serem retratadas pelos jornais da época as primeiras equipes femininas de futebol, reforçando que a modalidade era cada vez mais acessada por esse público.

Nesse contexto, as moças que anteriormente assumiam a posição de espectadoras comportadas e recatadas nas arquibancadas e que eram majoritariamente da alta classe social passavam a dar espaço a “outras mulheres”, essas sem a mesma posição social que as primeiras. Essa alteração de público no contexto do futebol também estimularia o tipo de mulher que começaria a atuar como jogadora, pois, segundo Reis e Arruda (2011) as primeiras mulheres a praticarem o futebol eram da classe social mais baixa, contrariamente ao futebol masculino que teve seu início por homens da alta sociedade.

Como citado anteriormente, por volta da década de 1940 quando se noticia nos veículos midiáticos a formação das primeiras equipes femininas de futebol, uma série de reações começa a ser observada na sociedade brasileira. Jornalistas, médicos e os próprios cidadãos comuns esboçam suas impressões sobre o futebol de mulheres. Carregados dos ideais que delineavam as relações de gênero¹² e posições das mulheres na sociedade, faziam públicas suas opiniões e apontamentos.

Sobre isso, Franzini (2005, p.316) esclarece que

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas.

Ainda, uma das reações mais descritas na literatura acerca da prática do futebol feminino é a carta escrita por José Fuzeira, um cidadão do subúrbio carioca, endereçada para o então presidente do Brasil Getúlio Vargas. Na correspondência, José expressava sua preocupação com a “Calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil” e apesar de reconhecer que não dispunha de nenhum conhecimento científico acerca do tema, insistia em reforçar a ideia de que a mulher “não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe” (FRANZINI, 2005, p.319 apud Carta de José Fuzeira ao

¹² Para Guimarães (2010) as relações de gênero referem-se às relações sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais.

Ilmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getulio Vargas).

Tal atitude vinda de um comum integrante da sociedade faria com que o governo brasileiro atentasse para o fenômeno que se organizava no âmbito esportivo, ocasionando assim na elaboração, em 1940, do posicionamento do Ministério da Saúde e Educação a partir de sua Subdivisão de Medicina Especializada que além de reforçar as ideias escritas por José Fuzeira, taxava de “ridículo espetáculo” a prática de futebol por mulheres (FRANZINI, 2005).

Outrossim, as objeções expressas acerca do futebol feminino, sobretudo entre as décadas de 1940 e 1980 refletiam o receio da desestabilização de um espaço de sociabilidade predominantemente masculino, cuja dominação era sempre justificada com base na biologia e relações de gênero. Esse receio é explicado por Goellner (2005, p. 144) *apud* Lenskyj (1966, p.11) ao citar que

A habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina.

Tendo em vista o contexto de interdições oficiais e sociais já mencionado, é apenas por volta de 1979 que a prática do futebol por mulheres passa a ser permitida no Brasil, ao ser revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que proibia o envolvimento das mulheres nessa e em outras modalidades. Mas, somente em 1983, a partir da mobilização das jogadoras a modalidade foi regulamentada no Brasil (BROCH, 2021). A partir de então, surge um despontamento de equipes e campeonatos femininos que passam a ganhar visibilidade no calendário de jogos e no cenário nacional. (GOELLNER, 2005)

A primeira competição de futebol feminino a nível internacional data do ano de 1988, quando a Federação Internacional de Futebol (FIFA) organiza na China o I Torneio Internacional de Futebol Feminino. O evento de caráter experimental contou com equipes de 12 países, sendo eles: Brasil, Estados Unidos, Canadá, Costa do Marfim, Austrália, Japão, Tailândia, Checoslováquia, Noruega, Suécia, Holanda e China. Na ocasião, o Brasil não dispunha de uma seleção formada antes dessa competição, as jogadoras convocadas para o torneio eram das equipes de destaque do futebol feminino brasileiro na época: Radar – RJ e Juventus –SP. Cabe ainda citar que as atletas não tiveram nenhum tipo de preparação especial para competição, utilizando-se inclusive das sobras de roupas da seleção masculina. Apesar disso, a equipe brasileira retornou da China com a medalha de bronze (TARRISSE, 2019).

Em relação à Copa do Mundo, principal competição do futebol, as mulheres só tiveram sua primeira aparição em 1991, 61 anos após a primeira competição masculina realizada em 1930, quando é realizada a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, na China. Na ocasião, as brasileiras tiveram menos de um ano de preparação e foram eliminadas ainda na primeira fase, o que reflete o descaso por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que não prestava a assistência necessária as atletas. Dito isso, somente em 1999 na Copa do Mundo dos Estados Unidos a seleção brasileira conquista sua primeira medalha em copas, o bronze após fazer a melhor campanha em competições oficiais até então. (TARRISSE, 2019)

Apesar de todas as imposições e impedimentos sofridos durante a história, o futebol feminino no Brasil conta com o pioneirismo e luta de mulheres que se empenharam em construir um futuro mais digno para a modalidade. É impossível falar de futebol feminino e não se lembrar da rainha do futebol Marta Vieira da Silva, a Marta, eleita seis vezes melhor jogadora do mundo pela FIFA e influência mundial no âmbito esportivo, sempre defendendo causas como oportunidades e investimentos mais igualitários e maior visibilidade para o futebol feminino. Em entrevista concedida à CNN (2020), Marta lembrou outros nomes importantes que conquistaram feitos inéditos pela seleção e ressaltou os desafios enfrentados por ela no início da carreira:

No começo da minha carreira, muitos consideravam um esporte masculino. Entre 2004 e 2011, conseguimos resultados inéditos, com atletas como Pretinha, Roseli, Sissi, Kátia Cilene, Daniela Alves, enfim, e isso não foi o suficiente para começar a mudar o cenário do futebol feminino. (SILVA, Marta Vieira, entrevista concedida a CNN, 2020)

Apesar dos avanços já observados desde sua regulamentação, ainda podemos considerar que o futebol feminino vive à margem do investimento e reconhecimento se comparado ao masculino. É o que Broch (2021) reforça em seu estudo ao citar que o incentivo institucional e social é muito menor ou até mesmo nulo quando se trata da modalidade feminina e que as consequências desse descaso atrelado ao preconceito sofrido são sentidas não somente pelas das jogadoras, mas por outras mulheres que atuam no meio futebolístico como as torcedoras, árbitras, dirigentes, repórteres, entre outras.

Desse modo, no próximo tópico levantaremos discussões sobre a atuação das mulheres em outras funções do jogo, seja dentro do campo, na assistência, ou fora das quatro linhas.

4.2.3 O futebol é delas: mulheres e outras funções no jogo

Vimos até agora que a entrada das mulheres no meio futebolístico se deu na posição de torcedoras e posteriormente de jogadoras. Contudo, a participação feminina nesse universo não se resumiria a esses dois papéis. Atualmente, observamos a atuação das mulheres em praticamente todas as funções envolvidas no jogo, desde a de árbitras e auxiliares de arbitragem, até as de técnicas, dirigentes, repórteres e narradoras, etc. Desse modo, cabe discutir sobre essa pluralidade de atuações femininas no futebol.

Quando foi institucionalizado em meados do século XIX, o futebol já tinha suas regras definidas, mas nenhuma delas se referia a uma figura de referência para organizar o andamento da partida. Passado o tempo, vendo a violência existente dentro do campo, surge a necessidade de nomear uma função específica para comandar e garantir o cumprimento das regras do jogo, instituindo assim a função de árbitro, considerada autoridade máxima dentro das quatro linhas (FARIAS, 2014).

No tocante a inserção de mulheres na arbitragem, temos no Brasil o primeiro registro de aparição feminina nessa função no mundo, Asaléa Campos Michelli, popularmente conhecida como Léa Campos foi a pioneira em “apitar” um jogo de futebol. Em seus relatos Léa afirma que realizou o curso de formação de árbitros oferecido pelo Departamento Amador da Federação Mineira de Futebol, em 1967, mas devido às imposições que na época vigoravam sobre a prática esportiva feminina, não teve seu diploma reconhecido. Mais tarde, em 1971, quando convidada pela FIFA para arbitrar um torneio amador de futebol no México, precisou apelar ao então presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici para ser diplomada e reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) (MONTEIRO et al, 2020).

Além disso, outras mulheres tiveram protagonismo na função de árbitras, é o caso de Silvia Regina, paulistana que teve sua formação na década de 1980 e foi a primeira mulher a arbitrar uma partida da Copa Sul-Americana masculina, em 2003. Ainda nesse ano, Silvia Regina compôs o primeiro trio de árbitras, ao lado de Aline Lambert e Ana Paula Oliveira, a atuar em partidas do Campeonato Brasileiro masculino Série A (REIS e ARRUDA, 2011). Cabe mencionar ainda um nome mais recente que tem tido destaque nos gramados, Edina Alves Batista foi escolhida para compor a equipe de arbitragem do Mundial de Clubes do Qatar em 2021, tornando-se a primeira mulher a atuar em jogos masculinos da FIFA na categoria adulta (ISTOÉ, 2021).

Contudo, mesmo na função de comando do jogo as mulheres esbarram no preconceito e caráter misógino do futebol. Na função de árbitra as mulheres convivem com uma cobrança desproporcional em relação aos erros se comparadas aos homens, é o que reforça Souza et al (2019, p.286) apud Stahlberg (2013) ao citar que

[...] ainda existe, a despeito dos erros de arbitragem, uma tolerância mais baixa em relação às mulheres do que aos homens; assim como existe a cobrança de uma postura não masculinizada, porém não excessivamente feminina, que não faça a árbitra perder a autoridade dentro de campo (Stahlberg, 2013). Essas colocações nos levam a refletir algumas questões acerca da mulher que atua dentro de campo. É esperado que ela seja discreta, porém deve provar competência a todo instante, pois seus erros também serão julgados por seu gênero, numa tentativa de comprovar certa ignorância e incapacidade para o cargo

Mudando o enfoque, mas ainda mantendo-se nas posições de liderança do futebol, discutiremos acerca da mulher enquanto técnica. Essa função, como outras desenvolvidas nesse meio esportivo é ocupada predominantemente por homens, um nítido exemplo disso se mostrou na Copa do Mundo Feminina de 2015, realizada no Canadá onde das 24 seleções apenas 08 possuíam técnicas mulheres (SOUZA, 2019 *apud* ROCHA, 2015).

Nesse contexto, o papel da mulher como técnica de futebol (e de outras modalidades) ainda não está totalmente consolidado. O que se observa são atuações esporádicas e ainda não tão expressivas. (SOUZA et al, 2019). Em seu estudo, Novais (2018, p. 22) trata sobre essa invisibilidade das mulheres treinadoras e auxiliares no Brasil e compara a expressividade dos mesmos papéis desempenhados por homens no futebol masculino,

Em decorrência da maneira pela qual o futebol de mulheres é (não) visto e conduzido no Brasil, o próprio processo de identificação das mulheres treinadoras se mostrou problemático. Enquanto no cenário do futebol dos homens, especialmente no chamado futebol de espetáculo, a grande maioria das pessoas conhece o treinador do time X ou Y e se depare constantemente com notícias sobre esses homens nos mais diversos canais de comunicação, no campo do futebol de mulheres pouco ou nada se fala sobre as treinadoras.

Apesar disso, ainda que a representatividade de mulheres treinadoras e auxiliares seja baixa, aquelas que chegam a ocupar esses cargos o fazem mediante investimento em capacitação, bem como em função do bom desempenho apresentado como atletas e/ou profissionais de Educação Física (NOVAIS, 2018).

No Brasil, as mulheres só começaram a ocupar cargos de expressividade por volta de 2013, quando Emilly Lima passou a comandar as seleções brasileiras da categoria sub-17 e sub-15. A treinadora seguiu no comando das equipes até 2015, quando foi desligada pela CBF

por motivos financeiros. Em suma, a Confederação Brasileira de Futebol não pagava salário fixo a treinadora, somente em época de competições. No ano seguinte, em 2016, Emilly foi anunciada como a primeira treinadora a comandar a Seleção Feminina Principal, o que significaria um grande avanço para modalidade se não fosse o fato de ser demitida apenas 10 meses depois. (SOUZA et al, 2019)

Atualmente, nossa Seleção Feminina de Futebol também é comandada por uma mulher: a sueca Pia Sundhage, ex-jogadora de futebol e artilheira pela seleção da Suécia. Como treinadora, acumula dois ouros olímpicos com a seleção dos Estados Unidos (2008-Pequim, 2012-Londres) e uma prata com a seleção da Suécia (2016-Rio), sendo referência no futebol feminino mundial. Em 2019 foi convidada ao comando técnico da Seleção Brasileira, sendo a segunda mulher a ocupar o cargo e a primeira estrangeira. (PIA..., 2021)

Outra posição de destaque no futebol que as mulheres passaram a ocupar foi a de dirigente, considerado como figura de maior liderança no clube, é, segundo Souza et al (2019, p. 287) “[...]um dos papéis mais complexos que a mulher pode exercer nesse universo”. Apesar disso, observa-se a atuação de muitas mulheres na direção de clubes nacionais e internacionais.

À nível internacional, podemos citar o trabalho de Maria Victoria Pávon, diretora do Léiganes da Espanha desde 2008. Sob sua direção, o clube saiu da terceira divisão espanhola para tonar-se uma das mais importantes equipes da primeira divisão do campeonato Espanhol (NÃO..., 2019). Atualmente outro nome de peso ocupa um dos principais cargos de um clube internacional, Marina Granovskaia, diretora executiva de futebol do Chelsea é considerada como o nome mais forte do futebol do clube. Em sua gestão, foi responsável pelas 11 maiores vendas e 10 maiores compras da história do Chelsea e recentemente, em fevereiro de 2022 conquistou junto com o clube o Mundial de Clubes da FIFA, após vencer o Palmeiras na final. (QUEM..., 2022)

Além disso, temos também na história do futebol brasileiro mulheres que se destacam por ter ocupado a direção de clubes. É o caso de Marlene Matheus, que assumiu a presidência do Corinthians de 1991 a 1993 para dar continuidade ao vínculo que seu marido Vicente Matheus possuía com o clube, visto que o ex-presidente estava impossibilitado de reeleger-se. Outrossim, somente 19 anos depois outra mulher aparece como dirigente de um grande clube brasileiro quando em 2010 Patrícia Amorim é eleita presidente do Clube de Regatas do Flamengo (SOUZA et al, 2019). Na atualidade, temos Leila Pereira como referência no quesito mulher na direção de um clube brasileiro. A empresária e principal patrocinadora da Sociedade Esportiva Palmeiras já exercia forte influência no clube, até que foi eleita no final de 2021 como presidente do clube e representa a única mulher entre os dirigentes dos 20 clubes da série A. (LIMA, 2021)

No tocante a participação de mulheres no jornalismo esportivo, área que segundo Bueno e Marques (2020, p.111) une “[...] duas instituições historicamente reconhecidas por manter espaços majoritariamente masculinos, reforçando preconceitos de gênero: o esporte e o jornalismo”. Ainda, as mulheres envolvidas na cobertura, comentários e narração de eventos esportivos, sobretudo do futebol, tem sua competência comumente questionada e a tolerância para os erros cometidos por elas é praticamente nula. Sobre isso, Stahlberg (2011, p.100) comenta

[...] me parece que os erros cometidos por profissionais homens são muito mais "justificáveis" do que os erros cometidos por mulheres em situações semelhantes. Se um homem acusa sem provas, é polêmico, mas se uma mulher comete uma gafe, o faz por que é mulher. Isso serve para ressaltar como, não importa a maneira, o olhar feminino é sempre muito mais sujeito a provações e reafirmações de sua legitimidade por conta simplesmente de ser mulher.

Apesar do ambiente discriminatório e de reprodução dos ideais sexistas da sociedade, as mulheres passaram a ocupar com resistência a mídia esportiva no Brasil desde meados de 1970 quando Zuleide Ranieri, integrante da Rádio Mulher, narrou o amistoso entre Palmeiras e Portuguesa de Desportos, tornando-se a primeira mulher a narrar uma partida de futebol. (Museu do Futebol, 2020). Ainda na década de 70 outras figuras femininas adentravam no universo do futebol, é o caso de Regiani Ritter, considerada como primeira repórter esportiva e comentarista de futebol do país pela Rádio e Tv Gazeta. (UTZ, 2021)

Desse modo, essas mulheres pioneiras abriram o caminho para atuação de outras no jornalismo esportivo. Nos dias atuais, observamos a maior presença feminina nos programas esportivos e coberturas de partidas e podemos citar nomes de destaque como os das comentaristas Fernanda Colombo (SporTV), Ana Thaís Matos (SporTV) e Karine Alves (FoxSports). Além disso, em 2022 tivemos Renata Silveira comandando a primeira narração feminina de uma partida de futebol (Flamengo x Grêmio) em TV aberta, tornando-se a primeira narradora mulher da TV Globo. (FARIA, 2022)

Nesse contexto, tendo percorrido a linha histórica do futebol e compreendendo a trajetória de inserção das mulheres nesse universo, podemos observar os desafios, resistências e pioneirismo feminino no futebol. No próximo capítulo levantaremos o debate acerca do nosso objeto de estudo, o Movimento Loucas Pelo Treze, com vistas a compreender sua atuação, motivações e desafios vivenciados.

5 ANÁLISE DE DADOS: LOUCAS PELO TREZE, O PRIMEIRO MOVIMENTO FEMINISTA NOS ESTÁDIOS PARAIBANOS

Nessa seção trataremos especificamente do principal objeto desse estudo, o Movimento Loucas Pelo Treze (MLP13), denominado pelas integrantes como primeiro movimento feminista nos estádios paraibanos. O MLP13 representa um coletivo independente de torcedoras que não possui ligações com torcidas organizadas.

Tratando desse estudo de caso, com vistas a facilitar o entendimento e disposição do texto, buscou-se organizar os tópicos desse capítulo conforme as pautas da entrevista realizada com a idealizadora do movimento, a qual nomeamos de Carolina¹³. Sendo assim, o primeiro tópico trata do contexto geral, abrangendo questões acerca da criação do movimento, motivações, idealizadoras e ações desenvolvidas. Já o segundo tópico retrata a influência das teorias feministas no MLP13, levantando questionamentos referentes ao conhecimento e contato das integrantes com o feminismo, além da compreensão de como se desenvolvem as teorias nas ações do grupo. Ademais, o terceiro e último ponto refere-se à realidade das arquibancadas, se preocupando em explicar as vivências, perspectivas e avanços do movimento e de suas integrantes.

5.1 LOUCAS PELO TREZE: CONHECENDO O MOVIMENTO

Campina Grande, cidade com aproximadamente 413.830 mil habitantes situada na região agreste do estado da Paraíba (IBGE, 2017). É aqui que reside uma das equipes de futebol de mais prestígio no estado, o Treze Futebol Clube. Fundado em 1925 por Antônio Fernandes Bioca¹⁴ e mais doze amigos, a agremiação recebeu esse nome em referência aos treze desportistas que o fundaram. Além disso, o clube é popularmente conhecido como Galo da Borborema, tendo seu mascote representado pela ave (Treze FC, c2022).

Em pesquisa realizada no ano de 2014 pelo Datavox¹⁵ demonstrava-se que cerca de 36,1% da população paraibana torcia pelo Treze, o que representava cerca de 582.425 mil torcedores (Treze..., 2014). É nesse contexto que se encontra o MLP13, um coletivo de torcedoras que segundo Carolina (2022), entrevistada e fundadora do movimento:

¹³ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da entrevistada.

¹⁴ Considerado como introdutor do futebol na cidade de Campina Grande –PB, Bioca teria sido responsável pela criação do primeiro time de futebol da cidade, o “High Life” (Treze FC, 2022c)

¹⁵ Link de acesso a pesquisa: https://docplayer.com.br/73032800-Pesquisa-de-opiniao-publica-sobre-torcidas-deFutebol.html? gl=1*1ynbbro* ga*VEJ3QjBEMkZUCjhmbV93bWhLSlpCdWc3d1ZIM2txTFF3MU5qUms3N

[...] nasceu através de uma junção de amigas que sempre tive na arquibancada. A gente era de outra organizada antes [...] só que a gente deixou mais a organizada, não participou mais e ficou só indo para jogos do Treze. Daí, quando foi em 2019, conversando com elas eu disse que seria uma boa a gente criar algo para estar se juntando

Questionada ainda sobre o que é o MLP13, Carolina pontua que é uma “coletividade de torcida feminina independente que se utiliza das teorias feministas para lutar por igualdade no âmbito do futebol” (CAROLINA, MLP13). Sobre esse tipo de coletividade, Nascimento (2020, p.54) ressalta que

No Brasil, tem aumentado o surgimento de torcidas, coletivos e movimentos femininos de caráter e discurso mais político, que se definem como feministas e problematizam as representações e lugar da mulher no futebol. São torcedoras que se unem para ir ao estádio, torcer e apoiar ao time, ao mesmo tempo em que lutam contra o machismo e desigualdades de gênero presente no futebol. Alguns exemplos de coletivos e torcidas feministas são o Movimento Toda Poderosa Corinthiana e o VerDonnas em São Paulo; o Coletivo Interfeminista e o Coletivo Elis Vive no Rio Grande do Sul e o Movimento Coralinas em Recife.

Segundo a entrevistada, o surgimento do movimento se deu em julho de 2019. Inicialmente, conta que se inspirou em uma hashtag¹⁶ que estava ganhando força nas redes sociais através de outras torcidas femininas e que não tinha ideia da dimensão que a iniciativa tomaria, conforme cita:

[...] a gente teve em mente uma hashtag, que era o #respeitaasminas. Fizemos umas faixas de mão e fomos para um jogo feminino no estádio Presidente Vargas, daí a gente iniciou, mas ainda não tínhamos dimensão que íamos criar o movimento. Aí as coisas foram fluindo, todo final de semana a gente estava conversando, marcando e fomos conhecendo outras meninas, outras meninas foram vendo a gente e fomos nos reunindo. (Carolina, MLP13)

Ainda sobre as inspirações do MLP13, a entrevistada comenta que utilizou-se de referências para criar o símbolo do movimento (ANEXO A), uma mulher de estilo gangster¹⁷, conforme relata:

[...] minha mente ela trabalha ligeiro, eu gosto muito desse estilo gangster, essa boneca é inspirada em uma menina gangster. Uma menina misteriosa, que já passou por muita coisa, que já viu muita coisa, essa menina sou eu. E hoje ela quer passar para as mulheres uma mensagem de empoderamento [...] veio na minha mente criar essa boneca, eu vi referências na internet e fui juntando essas ideias. A fumaça que ela tem na mão, que é uma forma também de representatividade no estádio que são as fumaças e os sinalizadores que pra mim também envolve muito a torcida. Tem também o lenço, pra representar esse estilo gangster e mais misterioso. E eu fui colocando essa pegada dentro do movimento (CAROLINA, MLP13)

¹⁶ Segundo Pinto (2018, p.2) apud Wittekind (2016, p. 28) “a hashtag é um símbolo que permite que os conteúdos debatidos sejam localizados por qualquer seguidor [de uma determinada rede social] que se interesse pelo assunto.”.

¹⁷ Cabe ressaltar que o significado da palavra “gângster” no dicionário refere-se a um “membro de uma organização de criminosos” (MICHAELIS, 2015). Mas, devido ao contexto, subentende-se que a entrevistada atribuiu outros significados para o termo.

Se tratando do nome escolhido para o grupo, Carolina conta: “eu pensei em várias palavras, vi algumas coisas, mas pensei ‘loucas fica legal’. Pensei primeiro loucas pelo galo, mas decidi por loucas pelo treze. Daí eu oficializei no dia 04 de agosto de 2019 a fundação com o nome.” Além disso, o coletivo conta com cerca de 40 mulheres integrantes, sendo 30 ativas e 10 simpatizantes, ou como chama a entrevistada, “mistas”. Essas mulheres ditas “mistas” simpatizam com o MLP13, compram material de jogo (camisas, faixas, bonés) do movimento, mas costumam integrar torcidas organizadas.

Questionada sobre as motivações para a criação do MLP13, a fundadora afirma que “a principal causa foi a de dar empoderamento à mulher na torcida, tirar a gente desse papel de coadjuvante nas torcidas”. Ela esclarece ainda que

Minha experiência de vida me motivou muito. Eu pensei ‘cara, eu sou uma torcedora do Treze, eu posso dar meu melhor e posso fazer algo diferente. Não é necessário eu estar dentro de uma torcida organizada cultivando guerra e agressões. Eu posso ser outra versão, posso cultivar outras coisas e ver as pessoas que podem se aliar a mim. (CAROLINA, MLP13)

Acerca desse papel de coadjuvante citado por Carolina, consideremos a ocupação majoritariamente masculina dos estádios de futebol. Bandeira (2010, p.342) compreende os estádios como “um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades”. Desse modo, a iniciativa da entrevistada em criar um movimento de torcida só para mulheres viria a subverter essa lógica de dominação masculina dos espaços esportivos. Além disso, percebe-se que no geral a preocupação das mulheres torcedoras de futebol é retirar-se desse lugar de sujeição, o que também é reforçado nas falas de Carolina: “Eu sou uma mulher, não nasci para ser coadjuvante deles!”.

Durante a entrevista, Carolina ressalta que a criação do movimento foi uma alternativa para se desvincular das torcidas organizadas, visto que esse tipo de agrupamento de torcedoras raramente oferece oportunidade de representatividade e atuação feminina e ainda, segundo Martins (2017, p. 2166) “[...] por mais que as mulheres estejam presentes, ainda é comum dizer que a presença delas nas “quadras” das torcidas é “para fazer vinagrete” nas festas das organizadas”.

Ademais, em se tratando das ações desempenhadas pelo MLP13, observamos uma variedade de campos de atuação. De início, a entrevistada comentou acerca das ações de caráter assistencialista e social que o movimento desempenha, destacando:

A gente desenvolve muita coisa. Fazemos muitas ações sociais nos bairros da cidade, campanha de arrecadação de alimentos e agasalhos e distribuições desses mantimentos. Nessa pandemia fizemos uma ação bem legal de distribuir água e sabão em diversos pontos da cidade para o pessoal mais vulnerável poder fazer a higienização das mãos. Para as mulheres já fizemos ações para combater a pobreza menstrual, distribuindo absorventes e produtos de higiene. Estamos sempre participando de causas sociais, no dia das crianças arrecadamos e distribuimos brinquedos a algumas comunidades da cidade. Sempre que sabemos de alguém que esteja passando por alguma dificuldade nos organizamos para ajudar. (CAROLINA, MLP13)

Além disso, outra vertente de atuação do movimento é o apoio ao futebol feminino do Treze FC, em suas falas Carolina detalha assistência prestada e reforça as cobranças feitas pelo MLP13 a diretoria do clube em relação à equipe feminina:

Nos fazemos presentes nas partidas e cobramos da diretoria tudo que é necessário para desenvolver a equipe feminina. Eu bato sempre nessa tecla e eu sou um calo em questão disso. Eu pergunto, questiono, reforço que tem que fazer, não é só porque tem que cumprir uma cota que a federação pede que tem que ter um time feminino. As vezes eles fazem a equipe só porque é uma cota, uma exigência da federação. (CAROLINA, MLP13)

Tal exigência para criar uma equipe feminina, citada na fala da entrevistada, faz parte da deliberação da Federação Internacional de Futebol (FIFA), que em 2016 começou a campanha de apoio e desenvolvimento do futebol feminino a nível mundial. Desse modo, órgãos como a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passaram a exigir que os clubes criassem e mantivessem equipes femininas principais e de base para cumprir os requisitos previstos no licenciamento de clubes e assim serem permitidos a participar de competições oficiais organizadas pelos dois órgãos. (BRAGA, 2019).

Ademais, a entrevistada adiciona sobre as dificuldades que o time feminino do Treze FC viria enfrentando desde sua formação, tal situação é corroborada por Broch (2021) ao citar que nos clubes de futebol o incentivo institucional e social é muito menor ou até mesmo nulo quando se trata da modalidade feminina. Como apontou em sua fala:

Uma coisa básica, preparação física, o próprio material que não tem, uma camisa, são coisas tão básicas que aqui falta. Agora que eles estão melhorando né, graças a Deus. Mas no ano de 2019 não tinha, não tinha uma preparação física, não tinha um fisioterapeuta, não tinha um massagista, não tinha nada que acompanhassem elas. (CAROLINA, MLP13)

Apresentados os elementos gerais para compreender a formação e atuação do MLP13, trataremos no próximo tópico da influência das teorias feministas nos direcionamentos e ações do movimento, além de abordar a percepção da entrevistada sobre o feminismo.

5.2 O FEMINISMO NO LOUCAS PELO TREZE

Nessa segunda pauta da entrevista, nos empenhamos em abordar o desenvolvimento e influência das teorias feministas nas ações do MLP13. Desse modo, quando questionada sobre o porquê do movimento se intitular feminista, a entrevistada explica

Nosso intuito sempre foi estimular o posicionamento das mulheres, que elas mudassem a visão e pudessem ter o direito de se posicionar e torcer. Então a gente queria algo para repercutir. **Não bastava ser um movimento feminino, tinha que ser um movimento feminista** que abraçasse a causa e buscasse os direitos das mulheres. (CAROLINA, MLP13, grifo nosso).

O feminismo é definido por Hooks (2015, p.13) como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”, dialogando com as diretrizes do MLP13, as teorias ligadas ao movimento feminista atuam no auxílio das ações realizadas pelas integrantes do movimento com o intuito de subverter a dominação masculina nos estádios e visibilizar a figura feminina nas torcidas de futebol. Nesse contexto, a fundadora do MLP13 ressalta que para intitularem-se membros de um movimento de torcida feminista “não bastava só a gente ir para o estádio e colocar uma camisa, sem realmente fazer e acontecer por essas diretrizes que seguem o feminismo, das igualdades e tudo isso que é pregado” (CAROLINA, MLP13).

Outro questionamento levantado nessa pauta da entrevista foi qual era o conhecimento da fundadora do MLP13 acerca das teorias feministas. Sua resposta apresenta uma visão geral do movimento feminista e suas lutas, quando cita:

O que eu entendo nessa questão teórica e prática é também de vivência e do que é pregado, da questão da militância e de abraçar as causas. Todo movimento tem suas diretrizes e a diretriz do movimento feminista é essa da questão da igualdade, de lutas diárias contra os constrangimentos, de fatores que passamos no dia a dia e assédios que rolam em todos os ambientes. (CAROLINA, MLP13)

Além disso, Carolina aproxima sua visão das lutas do movimento feminista, que segundo Alves e Alves (2013, p. 117), tem como intuito principal “combater a opressão a que estão sujeitas as mulheres, as quais almejam alcançar autonomia e protagonismo na sociedade, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres”, tais intuítos são compartilhados e ressignificados também através das lutas das mulheres no âmbito dos estádios de futebol. Nesse contexto, a entrevistada comenta a realidade vivenciada nesses locais de prática esportiva, mantendo relação com a defesa dos direitos femininos, ao citar que: “tem a questão de igualdade para entrar no estádio, as revistas de policiais e tudo. Eu entendo que nessa questão do movimento feminista é abraçado isso” (CAROLINA, MLP13).

Outrossim, a entrevistada relaciona o feminismo com as questões de orientação sexual,

ela ressalta que o MLP13 abre espaço para além da visão heteronormativa¹⁸ presente na sociedade, citando que “também tem a questão de direcionamentos sexuais, mesmo eu sendo uma pessoa hétero abraço a causa das meninas que são bissexuais. Todas essas questões a gente abrange” (CAROLINA, MLP13). Acerca disso, Pereira (2018) *apud* Vieira (2013) corroboram ao esclarecer que o movimento feminista por se esforçar em teorizar sobre os mecanismos e cultura de dominação patriarcal, abriram o caminho para o ativismo do movimento LGBT, além de influenciar a construção de saberes, ferramentas analíticas e conceitos que perpassam a teoria desse movimento.

Aproximando ainda mais o MLP13 das teorias feministas e visando compreender como elas se desenvolvem nas ações do grupo, foi questionado qual seria a influência do feminismo nas intervenções realizadas pelo movimento. Nesse contexto, observa-se nas respostas da entrevistada que existe um acolhimento entre as integrantes e estímulo à auto aceitação.

A gente busca empoderamento não só dentro de casa e nos estádios. Buscamos também ter atitude de se aceitar, se amar mais, amar seu corpo. Antes do movimento as meninas não se aceitavam muito como eram, porque eram gordinhas, tinham cabelo cacheado, porque era isso ou aquilo. E eu fui incutindo, conversando, porque você tem que ser psicóloga também, né? Você tem que abraçar e conversar. (CAROLINA, MLP13)

Tendo isso posto, o estímulo a aceitar-se unido ao olhar sensível e caráter acolhedor percebidos no MLP13 é defendido por Bell Hooks, ao estabelecer que o movimento feminista criou condições que permitiam que as mulheres se conectassem, não mais se vendo como concorrentes (HOOKS, 2018). Ademais, outras falas de Carolina reforçam essa conexão entre as integrantes, o que é evidenciado no seguinte trecho:

Eu observava que muitas delas estavam ali para buscar também um apoio, uma referência que muitas vezes não tinham dentro de casa. Para conversar em questão de sexualidade, em questão de tomar anticoncepcional, então isso tudo a gente abrange. Não é só estádio, não é só ação. É também algo para elas, algo íntimo, de confiança e a gente quer expandir, passar essa mensagem para fora. (CAROLINA, MLP13).

Outro ponto citado por Carolina que demonstra as marcas do pensamento feminista no MLP13 é a questão do empoderamento das mulheres, destacado por Cortez e Souza (2008, p. 172) como atitude que “[...] implica o reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças”. Nesse contexto, as integrantes do MLP13 são direta e/ou indiretamente influenciadas a posicionar-se diante de seus relacionamentos. Carolina ressalta que sua própria experiência inspiram outras mulheres, conforme explica:

¹⁸ Para Reis e Teixeira (2017, p.2) a heteronormatividade é “uma padronização de sexualidade que regula o modo como a sociedade contemporânea está organizada, em um padrão de normalidade heterossexual.”

Já aconteceu também de meninas que estavam em relacionamentos abusivos depois que entraram no movimento ou terminaram ou estabeleceram alguma coisa e resolveu. A mentalidade muda. Porque elas veem, ‘Carolina é casada, tem filho, o marido dela era da organizada e hoje em dia ela faz as coisas dela [do movimento] e não deixa de se posicionar’. Elas veem meu posicionamento e podem ser igual a mim, só basta terem atitude. Então a ideia é essa. (CAROLINA, MLP13)

Já acerca da rivalidade feminina, descrita por Bell Hooks em seu livro “o feminismo é para todo mundo” como consequência da socialização patriarcal a qual nós mulheres fomos submetidas de modo a viver constantemente “[...]competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio” (HOOKS, 2018, p.23). Segundo Carolina, esse tipo de situação são de ocorrência comum nos estádios, mas defende que no MLP13 o direcionamento é que não se estimule embates com outras mulheres, conforme cita:

Eu digo sempre as meninas, as outras mulheres que estiverem dentro do estádio e nos olharem de forma ruim a gente vai agir conforme nossos direcionamentos, não vai ter confusão. Vamos passar sempre a mensagem de união e empoderamento feminino, talvez assim elas mudem esse olhar. (CAROLINA, MLP13)

Em linhas gerais, observa-se que os conceitos que perpassam a teoria feminista estão presentes nas práticas do MLP13 de variadas formas, desde a busca por protagonismo feminino e saída do lugar de sujeição nos estádios, até a constituição de uma rede de apoio para as integrantes, rede esta que se preocupa em estimular a auto aceitação, a quebra de paradigmas em relação a sexualidade e métodos contraceptivos e, ainda, a quebra na cultura da rivalidade feminina de forma a fortalecer os vínculos entre as mulheres.

Outrossim, no próximo tópico trataremos da terceira e última pauta da entrevista, com vistas a compreender a realidade enfrentada pelo MLP13 nas arquibancadas paraibanas identificando os desafios observados e avanços conquistados pelo movimento.

5.3 LUGAR DE MULHER! A REALIDADE DOS ESTÁDIOS NA PERSPECTIVA DO MLP13

“Se não houvesse iniciativa das mulheres em se colocar em lugar de protagonismo na torcida, o ambiente dos estádios iria continuar sendo predominantemente masculino, ia continuar do mesmo jeito e a gente por trás, aceitando e acabou.” (CAROLINA, MLP13)

Com essa fala da nossa entrevistada começaremos as discussões deste tópico. O pensamento de Carolina, expresso na frase acima corrobora com o exposto por Bandeira e Sefner (2018, p.239) ao citar que os estádios de futebol “se constituíram, historicamente, como um

espaço legitimado para homens”. Nesse sentido, todo o ambiente e práticas nele expressas acabam por reforçar os ideais de masculinidade que circulam no imaginário social¹⁹. Sendo assim, a ocupação feminina desses espaços encontra os entraves e preconceito dessa masculinidade circulante.

Desse modo, nessa parte da entrevista nos preocupamos em identificar a perspectiva da fundadora do MLP13 em relação a ser uma mulher integrante de torcida de futebol, através da sua experiência e de outras mulheres. Como resposta, ela expressa que “é uma experiência rodeada de lutas, mas ao mesmo tempo é muito especial saber que estamos aqui resistindo e ocupando esse espaço que tem que ser nosso e de outras tantas mulheres” (CAROLINA, MLP13)

Ainda sobre esse questionamento, se tratando da visão de Carolina em relação à experiência coletiva, ela ressalta que:

A experiência que eu tenho em questão de receber as meninas no movimento e de estar com elas é sempre muito boa. Sempre passamos essa mensagem de acolhimento, de abraçar e de expressar a mensagem certa, sempre levantar a bandeira do time, da agremiação, mesmo com as lutas que a gente tem. Não é fácil a caminhada, todas essas conquistas que tivemos é mérito delas, de todas, porque somos um conjunto. Todas elas tiveram e tem um papel muito importante dentro do movimento. (CAROLINA, MLP13)

É possível identificar na fala da entrevistada a valorização da coletividade, durante a entrevista ela sempre se preocupou em expressar que o MLP13 é de todas e para todas as mulheres, demonstrando que apesar de ter idealizado o movimento, todas as ações e avanços observados são de responsabilidade coletiva.

A violência e assédios nas arquibancadas e entornos dos estádios de futebol também foram postas em pauta, principalmente por ser um dos principais fatores de afastamento das mulheres desses espaços. Nascimento e Araújo (2021) identificam em seu estudo que a falta de segurança é preponderante para as mulheres na escolha de frequentarem ou não os estádios. As autoras reforçam ainda que a criação de movimentos de torcida feminina foi “uma verdadeira tentativa de driblar a violência contra as mulheres torcedoras” (NASCIMENTO e ARAÚJO, 2021, p.3)

Nossa entrevistada ressalta em suas falas que as integrantes do MLP13 nunca chegaram a passar por experiências de violência, mas ressalta as condutas tomadas por elas para evitar esses episódios

¹⁹ Conforme Pessoa et al (2020, p.134) o imaginário social “se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças”.

Até a questão de ir e voltar para os jogos a gente tem um cronograma. Antes dos jogos a gente já pergunta: ‘quem é que vai de uber? Quem é que vai de ônibus? A gente vai se encontrar onde?’, pra não acontecer questões de assédios ou algo do tipo. Eu priorizo muito essa questão da segurança delas e tenho cautela. (CAROLINA, MLP13)

Essa negativa da entrevistada quanto a casos de violência precisa ser melhor interpretada, visto que assédios, xingamentos e determinados impedimentos vivenciados pelas mulheres nos estádios também se caracterizam como violência. Desse modo, infere-se que a entrevistada dá outros sentidos à violência, não ligando aos episódios que por ventura tendem a ocorrer no cotidiano das mulheres.

Outro fator posto em discussão com Carolina foi a perspectiva do MLP13 em relação ao maior desafio das mulheres no contexto do futebol. As respostas dela seguem duas vertentes, das mulheres enquanto torcedoras e como jogadoras. Se tratando das torcedoras, apesar de afirmar que nunca registrou-se casos de violência com as integrantes do movimento, ressalta que

[...] depois do movimento eu vejo que as meninas abriram mais o pensamento e ficaram com menos medo de ir para o estádio e estão mais presentes e ativas na arquibancada. As vezes acontecia esse medo do pré-jogo e do pós-jogo e eu dizia as meninas: ‘eu vou no PV, vou conversar com o presidente e o diretor e ver essa questão de segurança do torcedor e policiamento (CAROLINA, MLP13)

Já tratando-se dos desafios da mulher jogadora, a entrevistada explica

[...] eu vejo que precisa mais de apoios e incentivos né, a gente vê que o Treze criou parcerias com o Maníacos que é lá de João Pessoa, criaram uma parceria com essa liga que é de futebol de areia e a partir disso deu uma maior ênfase ao futebol feminino. Em questão desses incentivos eu vou ficar sempre em cima da diretoria e um dos papéis do movimento loucas é esse de cobrar que a diretoria dê esse apoio ao futebol feminino. (CAROLINA, MLP13)

Em ambas as falas acima ficam expressos o protagonismo e ação do MLP13 em buscar alternativas e cobrar melhorias de diversos agentes (polícia, diretoria do clube) para garantir a segurança e acesso das mulheres a diversos papéis dentro do futebol. É válido ressaltar ainda que tal posicionamento representa uma visão ampla das possibilidades de espaço a serem ocupados pelo público feminino nesse contexto.

Por fim, questionou-se acerca dos avanços e melhorias já observados pela fundadora desde o início do movimento. Ela recorda que

Em dois anos que o movimento foi criado, teve uma repercussão muito grande e uma aceitação por várias pessoas, pela prefeitura do município e outros. E eu vejo assim, ‘meu Deus, essas pessoas dão um voto de credibilidade a mim, eles acreditam no que eu estou passando, na mensagem que eu quero passar’. E isso é muito legal, porque eles veem que é de verdade o que eu estou fazendo, que eu não criei o movimento para ser ringue de guerra e expor as minhas meninas em confrontos no meio de rua, em brigas. (CAROLINA, MLP13)

E completa

É um trabalho à médio e longo prazo. Eu vejo que a gente já está colhendo frutos e tendo a visibilidade e o respeito que anteriormente não tinha dentro do Treze. O posicionamento que eu tenho de estar presente nas reuniões, isso não existia, a presença era só masculina. O que era dito nas reuniões era somente pelos caras das organizadas e agora eles me veem lá e muitos nem falam comigo, mas eu continuo firme. Antes a gente estava no estádio, mas não eramos vistas. Estamos buscando estar à frente das reivindicações (CAROLINA, MLP13)

Ademais, Carolina ressalta que após a criação do MLP13 outras coletividades femininas surgiram na torcida do Treze, conforme cita:

Depois que foi criado o loucas eu vi que foram se formando grupos também dentro das organizadas, foram criando bondes. As mulheres foram vendo a gente como referência, mesmo que elas não apoiassem. Então elas não ficam nem totalmente dentro das organizadas, nem tem aproximação com o loucas, elas ficam neutras. As próprias integrantes das organizadas não abrem espaço para outras mulheres, e a maioria dessas torcedoras não se sente representada por elas por conta de algumas atitudes. Tem também o caso de muitas meninas que curtem o lance da organizada mas que dão valor as ações do loucas, a gente chama essas meninas de mistas e nós as abraçamos (CAROLINA, MLP13)

Por fim, ela identifica que o movimento precisa de mais visibilidade para estender as ações e representatividade feminina nas torcidas de futebol. Além disso, completa que algumas das ações do MLP13 já viraram matéria de jornais locais e que busca mais oportunidades para expor a atuação do movimento: “Quanto mais a gente for vista, melhor”. Ainda, em nome do MLP13 Carolina agradece a oportunidade de estar sendo objeto de estudo de uma pesquisa acadêmica, reconhecendo que “fazer parte de um TCC é uma conquista para nós, não só para o loucas, mas para todos os movimentos feministas de torcidas”

Em suma, o Movimento Loucas Pelo Treze representa um avanço importantíssimo para o cenário do futebol paraibano, nordestino e ousado dizer nacional. Não somente por reunir mulheres na arquibancada, mas por subverter o jogo com coragem e lutar com imponência na conquista desse espaço. As contribuições da entrevistada aqui descritas apontam para a relevância do MLP13, demonstrando o comprometimento em fazer transformações não só à nível do ambiente esportivo, mas contribuir também com o social. Outrossim, reforço o compromisso desse estudo em conferir visibilidade às ações do movimento, bem como reconhecer a importância das

trajetórias de todas as integrantes engajadas no MLP13.

6 CONCLUSÃO

A representatividade e atuação do Movimento Loucas Pelo Treze constitui-se como um verdadeiro avanço para o âmbito do futebol paraibano, nordestino e nacional. A trajetória e motivações evidenciadas pelas falas da entrevistada e fundadora do movimento demonstram uma visão consistente e direcionada para a luta por igualdade, protagonismo feminino e sororidade entre as mulheres. Nesse sentido, sem desvencilhar-se do objetivo de torcer, o MLP13 acolhe mulheres de forma sensível, possibilitando-as adentrar em uma rede de apoio, para além de um movimento de torcida. Ainda, Carolina fundamenta o agir do MLP13 em bases feministas, mesmo sem citar nomes de estudiosas da área, demonstrando certo grau de conhecimento acerca das teorias feministas, constituindo um importante fator no desenvolvimento das ações do MLP13.

Além disso, o caráter assistencialista representado pelo movimento representa um fator importante para a população em situação de vulnerabilidade na cidade de Campina Grande e demonstra uma visão ampla para as necessidades de diferentes públicos como mulheres e crianças que possuem ou não ligações com o ambiente da torcida.

Pontua-se também o incentivo e posicionamento do movimento em promover o crescimento e visibilidade do futebol feminino do clube, sendo as integrantes incansáveis em questionar ações, sugerir melhorias e cobrar posicionamentos da diretoria do clube.

Por fim, o presente estudo contribui de forma positiva em enriquecer as produções da área de gênero, esporte e educação física, além de conferir destaque a esse coletivo de torcida feminina que se autodeclara como pioneiro no estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. ISBN978-85-98349-69-5
- ALVES, Ana Carla Farias. ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 29 a 31 de maio de 2013, Fortaleza – CE – UECE – Itaperi, p. 113-121. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf> Acesso em 22/03/2022.
- ANDRADE, Gilberto Martins. **Estudo de caso: Uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil**. Revista de Contabilidade e Organizações [en linea]. 2008, 2 (2), 8-18. ISSN: 1982-6486. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235217215002>> Acesso em 27 de setembro de 2021
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Representações sobre mulheres nos estádios de futebol**. Revista Mosaico, v. 9, n. 14, 2018.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Representações sobre mulheres nos estádios de futebol**. Mosaico, v. 9, n. 14, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- BRAGA, Thiago. **CBF obrigou e grandes clubes passaram a investir em futebol feminino**. UOL, [S. l.], 27 abr. 2019. Esportes, Lei em Campo, p. -. Disponível em: <https://leiemcampo.blogosfera.uol.com.br/2019/04/27/por-que-nao-ter-time-de-futebol-feminino-pode-tirar-clubes-da-serie-a/>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- BROCH, Marina. **Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero**. Revista Temporalidades, v.13, n.1, ed. 35, p.695-705. Belo Horizonte, jan-jun 2021. ISSN 1984-6150
- BUENO, Noemi Correia. MARQUES, José Carlos. **Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina**. Revista Comunicação & Inovação, v.21, n.45, p. 110-128, jan-abr de 2020. DOI: 10.13037/ci.vol21n45.6240
- CAETANO, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Artigo (Pós Graduação em Gênero e Direito) Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. P. 21, 2017. Disponível em: <https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFerreiraCaetano.pdf> acesso em 12 de dezembro de 2021
- Campina Grande. **IBGE Cidades**, 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/historico>> Acesso em 15 de março de 2022

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. **Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero.** Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, João Pessoa, v.8, n.24, dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf> Acesso em: 03 de dezembro de 2021.

CORTEZ, Mirian Béccheri. SOUZA, Lídio de. **Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal.** Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2008, v. 24, n. 2 [Acessado 23 Março 2022] , pp. 171- 180. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200006>>. Epub 24 Set 2008. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200006>.

COSTA, L. M. (2007). **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação no público feminino de futebol.** Revista Esporte e Sociedade, 2(4), Nov2006/Fev2007. https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/135243_es405.pdf.

COSTA, Leda Maria da. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol.** Revista Esporte e Sociedade, n. 04 (2): Nov06 - Fev07. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008>> Acesso em 23 de fevereiro de 2022.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Estudos Avançados, [S. l.], v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 03 de dezembro de 2021.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres.** In: 9º Seminário Internacional Fazendo Gênero, Santa Catarina, 2010. Diásporas, diversidades, deslocamentos. ISSN 2179-510X

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A MULHER NO ESPAÇO DO FUTEBOL: UM ESTUDO A PARTIR DE MEMÓRIAS DE MULHERES.** In: 9º SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, Santa Catarina, 2010. Diásporas, diversidades, deslocamentos. ISSN 2179-510X

ECOTTEN, Marcia Cristina Furtado. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de torcedoras coloradas.** XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social. Natal, Rio Grande do Norte, 2013.

FARIA, Paulo de. **Quem é Renata Silveira, primeira narradora da história da Rede Globo?** Goal, 2022. Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da/fm8mk1b4dj211gk84fm3ckies>> Acesso em 12 de março de 2022.

FARIAS, Lílian Kirsch de. **As mulheres árbitras: aspirações e perspectivas em torno de uma profissão.** Monografia (Graduação em Educação Física), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), p.41, Porto Alegre, 2014.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"?:** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História [online]. 2005, v. 25, n. 50, pp. 315-328. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012>>. Acesso em 08 de março de 2022. Epub 17 Mar 2006. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882005000200012>.

GARCIA, Carla Cristina. **O gênero e as práticas esportivas das mulheres.** Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. Psicologia Revista, [S. l.], v. 27, p. 497–517, 2019. DOI: 10.23925/2594-3871.2018v27i3p497-517. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/37867>>. Acesso em: 08 de março de 2022

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017. Bibliografia. ISBN 978-85-97-01292-7

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p. ISBN: 8522422702

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 23/03/2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **FEMINISMOS, MULHERES E ESPORTES: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O FAZER HISTORIOGRÁFICO.** Movimento (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 173-196, abr. 2008. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554/1953>>. Acesso em: 28 ago. 2021. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.3554>.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil:** entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. DOI: 10.1590/S1807-55092005000200005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 09 de março de 2022

GUIMARÃES, Leticia de Castro. **Relações de gênero e sexualidade.** Brasil Escola, 2010. Disponível em: < <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm>> Acesso em 09 de março de 2022

História do Treze FC. **Treze Futebol Clube,** c2022. Disponível em: <<http://trezefc.com.br/historia/>> Acesso em 15 de março de 2022

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book

KUPPER, Agnaldo. MENDES, Claudinei Magno Magro. **O Brasil dimensionado pelo futebol.** VIII Congresso Internacional de História. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2017.

KUPPER, Agnaldo. **O futebol brasileiro como instrumento de identidade**. Revista Mnemosine, Vol.14, nº2, p. 219-235. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2018. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41690>> Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

LESSA, Patrícia. **MULHERES, CORPO E ESPORTES EM UMA PERSPECTIVA FEMINISTA**. Revista Motrivivência Ano XVII, Nº 24, P. 157-172 Jun./2005

LIMA, Marcos Paulo. **De Patrícia Amorim a Leila Pereira: times da Série A não tinham mulher na presidência desde 2013**. Correio Brasiliense, 2021. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dribledecorpo/de-patricia-amorim-a-leila-pereira-times-da-serie-a-nao-tinham-mulher-na-presidencia-desde-2012/#:~:text=Em%202022%2C%20Leila%20Pereira%20ser%C3%A1,Flamengo%20de%202010%20a%202012.>>> Acesso em 11 de março de 2022.

LIMA, Natalia Dias de Casado. **A Belle Époque e seus reflexos no Brasil**. Anais da XI Semana de História UFES, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23114>> Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

LINS, Beatriz Accioly.; MACHADO, Bernardo Fonseca.; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: A questão de gênero na escola** — 1a ed. — São Paulo : Editora Reviravolta, 2016.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Mulheres torcedoras de futebol: questionando as masculinidades circulantes nas arquibancadas**. In: XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Goiânia-GO, 2017. Democracia e Emancipação, Desafios para Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina. GTT 07 – GÊNERO, 2017, pág. 2164-2168.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Mulheres torcedoras de futebol: questionando as masculinidades circulantes nas arquibancadas**. In: XX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Goiânia-GO, 2017. Democracia e Emancipação, Desafios para Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina. GTT 07 – GÊNERO, 2017, pág. 2164-2168.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: A conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 256 p.[ISBN: 978-85-7511-320-2]

MONTEIRO, Igor Chagas. et al. **Mulheres de preto: trajetórias na arbitragem do futebol profissional**. Revista Motrivivência, v. 32, n. 63, p. 01-15. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, jul/dez 2020. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e7268>.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física/Universidade Estadual de

Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 2003.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização.** Revista Movimento - Ano VII - Nº 13 - 2000/2

Não são só homens! Confira cinco mulheres dirigentes no futebol. Galeria Premium. Lance, 2019. Disponível em: < <https://www.lance.com.br/galeria-premium/nao-homem-confira-cinco-mulheres-dirigentes-futebol.html>> Acesso em 11 de março de 2022.

NASCIMENTO, Mayra Leal do. **Torcida, substantivo feminino:** interações e relações de gênero nas torcidas do clássico Remo x Paysandu. Orientadora: Rosaly de Seixas Brito. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13190>. Acesso em 14 de março de 2022

NASCIMENTO, V. E. R. do.; ARAÚJO, A. dos R. **Violências sofridas pelas mulheres torcedoras de arquibancada.** Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e32510511313, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.11313. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11313>>. Acesso em: 17 de março de 2022.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges. **“À beira do gramado ou fora do jogo?”:** As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), p.194, Juiz de Fora, 2018.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. **A quarta onda feminista:** interseccional, digital e coletiva. In: Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), 10, Monterrey, Nuevo León, México, 2019. Anais[...].s. 1.: ALACIP; Asociación Mexicana de Ciencias Políticas A.C. (AMECIP); Tecnológico de Monterrey, 2019.

Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>.

PESSOA, Andréa Printes Nogueira. NOGUEIRA, Francinete Pessoa. NORONHA, Jucineide Campos. **A importância do imaginário social para a construção das práticas de ensino-aprendizagem contemporâneas.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 10, Vol. 22, pp. 133-144. Outubro de 2020. ISSN: 2448-0959, Disponível em: < <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/imaginario-social>>, Acesso em 16 de março de 2022

Pia Sundhage: conheça a atual técnica da seleção feminina de futebol do Brasil. Ninja Eporte Clube. **Mídia Ninja**, 2021. Disponível em: <<https://midianinja.org/ninjaesportoclube/pia-sundhage-conheca-a-atual-tecnica-da-selecao-feminina-de-futebol-do-brasil/>> Acesso em 11 de março de 2022.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Dossiê: Feminismo, história e poder.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzXNjZNcSBf5r>> Acesso em 21 de dezembro de 2021

PINTO, Maurício Rodrigues. **Coletivos de torcedoras feministas:** o caso do movimento toda poderosa corinthiana. IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais. 10 a 13 de julho

de 2018, FFLCH/USP, São Paulo, SP. Disponível em:

<<https://www.sinteseeventos.com/site/iassc/GT6/GT6-06-Mauricio.pdf>> Acesso em 25 de fevereiro de 2022.

Preconceito e machismo travam desenvolvimento do futebol feminino, diz Marta. **CNN**, 2020.

Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/preconceito-e-machismo-travam-desenvolvimento-do-futebol-feminino-diz-marta/#:~:text=Preconceito%20e%20machismo%20travam%20desenvolvimento%20do%20futebol%20feminino%2C%20diz%20Marta>> Acesso em 10 de março de 2022.

Quem é a mulher por trás dos negócios do Chelsea campeão do mundo. **ESPN**, 2022. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/9967355/quem-mulher-por-tras-negocios-chelsea-campeao-mundo> Acesso em 11 de março de 2022.

Rádio Mulher. **Museu do Futebol**, 2020. Disponível em:

<<https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/>> Acesso em 12 de março de 2022.

REIS, Cristina Roberta da Silva. TEIXEIRA, Sara Angélica. **Heteronormatividade: implicações psicossociais para sujeitos não-heteronormativos**. Revista Brasileira de Ciências da Vida, v.5, nº3, 2017. Disponível em:

<<http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/292>> Acesso em 22 de março de 2022

REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos; ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. **Mulher, futebol e arbitragem: um espaço de conquista, tensão e resistência**. Revista EF Deportes, Buenos Aires, v. 16, n. 162, nov. 2011

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. **A QUARTA ONDA DO MOVIMENTO FEMINISTA: o fenômeno do ativismo digital. Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, p. 126, 2017.

Rumo ao Mundial, árbitra brasileira pede: ‘Não temos de ser tratadas por gênero’. Revista Online Isto é, 2021. Disponível em: <<https://istoe.com.br/rumo-ao-mundial-arbitra-brasileira-pede-nao-temos-de-ser-tratadas-por-genero/>> Acesso em 10 de março de 2022.

SANTOS, Felipe. Charles Millher. Museu do Futebol, c2020. Disponível em:

<<https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/480271/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2022

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Feminismo radical** –pensamento e movimento. Revista Travessias–Educação, Cultura, Linguagem e Arte, v. 2, n. 3, p.1-14, 2008. Disponível em:<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107>.Acesso em: 07 de dezembro de 2021.

SILVA, Joasey Pollyana Andrade; CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. **As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas**. Revista de Direitos Humanos em Perspectiva. Encontro Virtual, v. 7, n. 1. p.101–122, Jan/Jul.2021.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. **As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher.** Revista Thesis Juris–RTJ, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/380/285>. Acesso em: 05 de dezembro de 2021

SOBRINHO, José Correia. **Violência de massa no futebol:** um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. Folha do Campus. Ano II, n10, p.02, set-1997.

SOBRINHO, José Correia; CÉSAR, Iran Hermenegildo. **Torcidas organizadas de futebol:** metamorfoses de um fenômeno de massa. Revista Inter-Legere, n. 3, 23 dez. 2013.

SOUZA, Larissa Medeiros de. MAUX, Ana Andréa Barbosa. REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. **Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol.** Revista da abordagem gestáltica, vol.25, n.3, p.282-293, Dez 2019. ISSN 1809-6867

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo:** novas reflexões acerca do feminino no futebol. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

TARRISSE, Ana. **A história do futebol feminino no Brasil.** Globo Esporte, 2019. Disponível em: < <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino#content-1991> > Acesso em 09 de março de 2022.

Treze tem 582.425 torcedores e é a maior torcida da Paraíba, segundo instituto de pesquisas. **Portal Correio**, 2014. Disponível em: <<https://portalcorreio.com.br/treze-tem-582-425-torcedores-e-a-maior-torcida-da-paraba-segundo-instituto-de-pesquisas/>> Acesso em 15 de março de 2022

UTZ, Fábio. **10 mulheres pioneiras que marcaram a história do futebol no Brasil.** 90 Minutos, 2021. Disponível em: <<https://www.90min.com/pt-BR/posts/10-mulheres-pioneiras-que-marcaram-a-historia-do-futebol-dia-da-mulher>> Acesso em 12 de março de 2022.

VEGH, S. (2003). Classificando formas de ativismo online: o caso dos ciberprotestos contra o Banco Mundial. Em M. McCaughey, & M. Ayers (Eds.), **Ciberativismo: Ativismo Online em Teoria e Prática** (pp. 71-95). Nova York: Routledge.

WITTER, José Sebastião. **Futebol - um fenômeno universal do século XX.** Revista USP, [S. l.], n. 58, p. 161-168, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i58p161-168. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33858>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2022.

ZIRBEL, Ilze. **Ondas do feminismo.** Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v.7, n°2, p. 10-31, 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA DE TCC

ENTREVISTA DE TCC

“LOUCAS PELO TREZE”: ESTUDO DE CASO ACERCA DO PRIMEIRO MOVIMENTO FEMINISTA NOS ESTÁDIOS PARAIBANOS

Orientando (a): Larissa Vitória Albuquerque Carlos Orientador (a):

Morgana Guedes Bezerra

PAUTA 1: CONTEXTO GERAL

1. O que é o movimento Loucas pelo Treze?
2. Qual o ano e como se deu a criação do movimento?
3. Quem são as idealizadoras do movimento?
4. O que as motivou a criar um movimento de torcida feminina?
5. Quais as ações desenvolvidas pelo movimento?

PAUTA 2: INFLUÊNCIA DAS TEORIAS FEMINISTAS

6. Por que o movimento intitula-se feminista?
7. O que você conhece/entende do movimento feminista?
8. Qual a influência das teorias feministas nas ações do Loucas pelo Treze?

PAUTA 3: REALIDADE DAS ARQUIBANCADAS

9. Comente como é ser uma mulher integrante de torcida de futebol a partir da sua experiência e de outras mulheres.
10. O Movimento LP13 recebe alguma denuncia/reclamação acerca algum tipo de preconceito, discriminação ou assédio nas arquibancadas?
11. Qual o maior desafio das mulheres no contexto do futebol identificado pelo movimento LP13?
12. Qual a importância da representação feminina na torcida?
13. Quais os avanços e conquistas observadas desde a criação do movimento? E o que ainda falta

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

PAUTA 1: CONTEXTO GERAL

1. O que é o movimento Loucas pelo Treze?

R: “O Loucas é uma coletividade de torcida feminina independente que se utiliza das teorias feministas para lutar por igualdade no âmbito do futebol”.

R: “O movimento LP13 nasceu através de uma junção de amigas que sempre tive na arquibancada. A gente era de outra organizada antes, não éramos do Loucas ainda. E a gente sempre teve essa junção, só que a gente deixou mais a organizada, não participou mais e ficou só indo para jogos do Treze. Daí, quando foi em 2019, conversando com elas eu disse que seria uma boa a gente criar algo para estar se juntando”.

R: “Mas o nome Loucas pelo Treze não partiu logo desse início, a gente teve em mente um hashtag, que era o #respeitaasminas. A gente fez umas faixas de mão e fomos para um jogo feminino no estádio Presidente Vargas, daí a gente iniciou, mas ainda não tínhamos dimensão que íamos criar o movimento. Aí as coisas foram fluindo, todo final de semana a gente estava conversando, marcando e fomos conhecendo outras meninas, outras meninas foram vendo a gente e fomos nos reunindo”.

R: “Sempre vem algumas coisas na minha mente e eu vou e executo, aí veio essa ideia de criar alguma coisa, um grupo feminino de arquibancada que não fosse vinculado a torcida organizada, né? Fosse só mulheres”.

R: “Era como se eu fosse uma marionete lá, eu só podia fazer o que eles mandavam, quando eu tentava agir de outra forma eles me boicotavam. Ai eu fiz: ‘Caramba! Eu sou uma mulher, não nasci para ser coadjuvante deles!’”.

2. Qual o ano e como se deu a criação do movimento?

R: “Eu me reuni com as minhas amigas em julho de 2019 em um jogo que teve a noite no estádio do Amigão. Ai a gente foi com as faixas de mão, foi aquele clima meio tenso, aquela coisa. Pensavam que eu ia voltar para dentro da organizada, mas viram que eu não tinha interesse nenhum em voltar. Meu interesse era ser à parte”.

R: “Por enquanto, ainda era o #respeitaasminas, ai a gente ficou levando. Só que minha mente ela trabalha ligeiro, eu gosto muito desse estilo gangster, essa boneca é inspirada em uma menina gangster. Uma menina misteriosa, que já passou por muita coisa, que já viu

muita coisa, essa menina sou eu. E hoje ela quer passar para as mulheres uma mensagem de empoderamento”.

R: “Veio na minha mente criar essa boneca, eu vi referências na internet e fui juntando essas ideias. A fumaça que ela tem na mão, que é uma forma também de representatividade no estádio que são as fumaças e os sinalizadores que pra mim também envolve muito a torcida. Tem também o lenço, pra representar esse estilo gangster e mais misterioso. E eu fui colocando essa pegada dentro do movimento”.

R: “Eu pensei em várias palavras, vi algumas coisas, mas pensei ‘loucas fica legal’. Pensei primeiro loucas pelo galo, mas decidi por loucas pelo treze. Eu oficializei no dia 04 de agosto de 2019 a fundação com o nome.”

3. Quem são as idealizadoras do movimento?

R: “Eu e mais duas amigas que estavam comigo desde o início, mas a iniciativa foi minha”.

R: “A gente mantém um bom vínculo de amizade, sempre fazemos reuniões para manter esse elo”.

R: “Nunca houve confusão entre as meninas. Eu sempre digo assim ‘sempre se respeitem, sempre tentem conversar e passar para mim alguma coisa que não esteja agradando”.

R: “Atualmente temos 40 meninas simpatizantes, aquelas que não estão dentro do grupo, mas que compram materiais do movimento. Já as ativas que estão no grupo e participa do movimento são 30”.

4. O que as motivou a criar um movimento de torcida feminina?

R: “a principal causa foi a de dar empoderamento a mulher na torcida, tirar a gente desse papel de coadjuvante nas torcidas”.

R: “minha experiência de vida me motivou muito. Eu pensei ‘cara, eu sou uma torcedora do Treze, eu posso dar meu melhor e posso fazer algo diferente. Não é necessário eu estar dentro de uma torcida organizada cultivando guerra e agressões. Eu posso ser outra versão, posso cultivar outras coisas e ver as pessoas que podem se aliar a mim”

5. Quais as ações desenvolvidas pelo movimento?

R: “A gente desenvolve muita coisa. Fazemos muitas ações sociais nos bairros da cidade, campanha de arrecadação de alimentos e agasalhos e distribuições desses mantimentos.”
 “Nessa pandemia fizemos uma ação bem legal de distribuir água e sabão em diversos pontos da cidade para o pessoal mais vulnerável poder fazer a higienização das mãos.”

R: “Para as mulheres já fizemos ações para combater a pobreza menstrual, distribuindo absorventes e produtos de higiene”

R: “Estamos sempre participando de causas sociais, no dia das crianças arrecadamos e distribuimos brinquedos a algumas comunidades da cidade. Sempre que sabemos de alguém que esteja passando por alguma dificuldade nos organizamos para ajudar”.

R: “Em algumas ações temos apoio de pessoas da prefeitura e vereadores, mas a maioria das vezes nós que corremos atrás de arrecadar os materiais.”

R: “Damos muito apoio também ao futebol feminino do clube. Nos fazemos presentes nas partidas e cobramos da diretoria tudo que é necessário para desenvolver a equipe feminina. Eu bato sempre nessa tecla e eu sou um calo em questão disso. Eu pergunto, questiono, reforço que tem que fazer, não é só porque tem que cumprir uma cota que a federação pede que tem que ter um time feminino. As vezes eles fazem a equipe só porque é uma cota, uma exigência da federação.”

R: “Uma coisa básica, preparação física, o próprio material que não tem, uma camisa, são coisas tão básicas que aqui falta. Agora que eles estão melhorando né, graças a Deus. Mas no ano de 2019 não tinha, não tinha uma preparação física, não tinha um fisioterapeuta, não tinha um massagista, não tinha nada que acompanhasse elas. Já nesses times maiores como esse do Corinthians em específico, ele foca e tem uma visão ampla e eu acho que as pessoas que estão por trás também, dentro do conselho do Corinthians também tem mulheres e tem homens que tem uma visão que abraça a causa para dar voz a mulher e ver que as mulheres também tem potencial nesse âmbito esportivo. Além de estar apoiando também pode estar praticando e mostrando as cores do time, porque eles incentivam e enfatizam bastante. A gente vê que eles fazem material, fazem uma linha né, mesmo que não seja investido um valor igual (que no do masculino) a gente vê que tem um investimento aí e que tem uma coisa por trás de apoio e isso aí falta muito nos times da Paraíba, com certeza, no Nordeste também. A gente vê mais no Sul que eles dão uma dimensão maior pra isso e abraçam mais, como é o caso do Corinthians e a hashtag delas é o respeito as minas que pra mim também foi uma referência em questão de posicionamento, eu pensei ‘cara, o respeito as minas é uma hashtag, é uma forma de empoderamento, isso aí pode ser usado’ então foi daí que eu fui juntando coisas que eram relacionadas as mulheres.”

R: “Pensamos sempre na agremiação, estamos ali por ela também. Então estou sempre indo atrás, me fazendo presente nas reuniões do clube e levando as demandas que identificamos serem necessárias. É sempre pensando na melhora do clube”.

PAUTA 2: INFLUÊNCIA DAS TEORIAS FEMINISTAS

6. Por que o movimento intitula-se feminista?

R: “Nosso intuito sempre foi estimular o posicionamento das mulheres, que elas mudassem a visão e pudessem ter o direito de se posicionar e torcer. Então a gente queria algo para repercutir. **Não bastava ser um movimento feminino, tinha que ser um movimento feminista que abraçasse a causa e buscasse os direitos das mulheres.**”

R: “Não bastava só a gente ir para o estádio e colocar uma camisa, sem realmente fazer e acontecer por essas diretrizes que seguem o feminismo, das igualdades e tudo isso que é pregado”.

7. O que você conhece/entende do movimento feminista?

R: “O que eu entendo nessa questão teórica e prática é também de vivência e do que é pregado, da questão da militância e de abraçar as causas. Todo movimento tem suas diretrizes e a diretriz do movimento feminista é essa da questão da igualdade, de lutas diárias contra os constrangimentos, de fatores que passamos no dia a dia e assédios que rolam em todos os ambientes”.

R: “Tem a questão de igualdade para entrar no estádio, as revistas de policiais e tudo. Eu entendo que essa questão do movimento feminista é abraçado isso.”

R: “Também tem a questão de direcionamentos sexuais, mesmo eu sendo uma pessoa hétero eu abraço a causa das meninas que são bissexuais. Essa parte toda que a gente abrange.”

8. Qual a influência das teorias feministas nas ações do Loucas pelo Treze?

R: “A gente busca empoderamento não só dentro de casa e nos estádios. Buscamos também ter atitude, de se aceitar, se amar mais, amar seu corpo. Antes do movimento as meninas não se aceitavam muito como eram, porque eram gordinhas, tinham cabelo cacheado, porque era isso ou aquilo. E eu fui incutindo, conversando, porque você tem que ser psicóloga também, né? Você tem que abraçar e conversar. Tem algumas meninas também que passam por depressão, tentativa de suicídio já aconteceu com membros do grupo e elas pediram ajuda e a gente está lá para dar aquele suporte e hoje em dia elas estão mais leves.”

R: “Já aconteceu também de meninas que estavam em relacionamentos abusivos depois que entraram no movimento ou terminaram ou imporam alguma coisa e resolveu. A mentalidade muda. Por que elas veem, ‘fulana é casada, tem filho, o marido dela era da torcida e hoje em dia ela faz as coisas dela e não deixa de ser mulher’. Elas veem meu posicionamento e

podem ser igual a mim, só basta terem atitude. Então a ideia é essa.”

R: “O que me dá o flashback de mudança é tudo o que eu passei, hoje o movimento abraça essa causa por tudo que eu já vivenciei e pelas atitudes que eu tinha dentro da torcida. Tudo que eu fiz antes em outra torcida, todas as atitudes não pensadas, aquilo ali foi determinante. Hoje eu mudei minha visão, eu quero passar e quero ter ações dentro do estádio que reforcem os direcionamentos do movimento, de igualdade, de protagonismo”

R: “Eu digo sempre as meninas, as outras mulheres que estiverem dentro do estádio e nos olharem de forma ruim a gente vai agir conforme nossos direcionamentos, não vai ter confusão. Vamos passar sempre a mensagem de união e empoderamento feminino, talvez assim elas mudem esse olhar”

R: “Eu sempre passei para as meninas a mensagem de se posicionar dentro de casa, não para acabar o casamento ou algo do tipo, mas delas terem o posicionamento. Eu via muitas mulheres que sofriam, que apanhavam. Eu via que se elas estavam perto da gente, que precisavam de ajuda, se elas estavam dentro do movimento é porque querem algo para elas, para mudar. Elas sentiam nosso apoio.”

R: “Eu observava que muitas delas estavam ali para buscar também um apoio, uma referência que muitas vezes não tinham dentro de casa. Para conversar em questão de sexualidade, em questão de tomar anticoncepcional, então isso tudo a gente abrange. Não é só estádio, não é só ação. É também algo para elas, algo íntimo, de confiança e a gente quer expandir, passar essa mensagem para fora.”

PAUTA 3: REALIDADE DAS ARQUIBANCADAS

9. Comente como é ser uma mulher integrante de torcida de futebol a partir da sua experiência e de outras mulheres.

R: “na minha perspectiva é uma experiência rodeada de lutas, mas ao mesmo tempo é muito especial saber que estamos aqui resistindo e ocupando esse espaço que tem que ser nosso e de outras tantas mulheres”

R: “A experiência que eu tenho em questão de receber e de sempre estar com as meninas é sempre muito boa. Sempre passamos essa mensagem de acolhimento, de abraçar e de passar a mensagem certa, sempre levantar a bandeira do time, da agremiação, mesmo com as lutas que a gente tem. Não é fácil a caminhada, todas essas conquistas que tivemos é mérito delas, de todas, porque somos um conjunto. Todas elas tiveram e tem um papel muito importante

dentro do movimento”.

10. O Movimento LP13 recebe alguma denuncia/reclamação acerca algum tipo de preconceito, discriminação ou assédio nas arquibancadas?

R: “Não, preconceitos e assédios nunca aconteceram não. Os assédios que a gente vê é em questão as organizadas, a violência e agressões que acontecem entre os grupos de torcida. Com a gente do movimento eles meio que tem receio de fazer algo, não acontece nada com as meninas do movimento, nada. Até a questão de ir e voltar para os jogos a gente tem um cronograma. Antes dos jogos a gente já pergunta: ‘quem é que vai de uber? Quem é que vai de ônibus? A gente vai se encontrar onde?’, pra não acontecer questões de assédios ou algo do tipo. Eu priorizo muito essa questão da segurança delas e tenho cautela.”

R: “Nos estádios aqui da cidade a gente do movimento nunca passou por assédios ou violências porque as outras torcidas conhecem a gente”.

11. Qual o maior desafio das mulheres no contexto do futebol identificado pelo movimento LP13?

R: “Falando das torcedoras, depois do movimento eu vejo que as meninas abriram mais o pensamento e ficaram com menos medo de ir para o estádio e estão mais presentes e ativas na arquibancada. As vezes acontecia esse medo do pré-jogo e do pós-jogo e eu dizia as meninas: ‘eu vou no PV, vou conversar com o presidente e o diretor e ver essa questão de segurança do torcedor e policiamento no estádio’. Nisso aí eu fico sempre ativa e sempre preocupada nesses problemas’.

R: “Falando das mulheres como jogadoras, eu vejo que precisa mais de apoios e incentivos né, a gente vê que o Treze criou parcerias com o Maníacos que é lá de João Pessoa, criaram uma parceria com essa liga que é de futebol de areia e a partir disso deu uma maior ênfase ao futebol feminino. Em questão desses incentivos eu vou ficar sempre em cima da diretoria e um dos papéis do movimento loucas é esse de cobrar que a diretoria dê esse apoio ao futebol feminino”.

R: “Eu tive o convite de uma rádio local para participar de um programa semanal. E eu quero fazer isso já para agregar, isso vai ser muito bom para o movimento”.

12. Qual a importância da representação feminina na torcida?

R: “Se não houvesse iniciativa das mulheres em se colocar em lugar de protagonismo na torcida, o ambiente dos estádios iria continuar sendo predominantemente masculino, ia continuar do mesmo jeito e a gente por trás, aceitando e acabou.”

R: “Se tiver o dedo da gente em alguma palavra, em alguma mudança dentro do clube já sabemos que estamos no caminho certo”

R: “Fizeram a apresentação do time feminino e não tinha ninguém da diretoria, ninguém apoiando, batendo palmas, soltando fogos. E a primeira coisa que eu fiz foi soltar um foguetão e bater palmas pra elas e a gente entrou dentro do estádio e fez aquela reunião, passou a mensagem para honrar o clube, representar as cores e dar o melhor. Dissemos que aquilo ali é um caminho longo, elas estão lá representando o Treze, elas vão fazer história e vão fazer o papel delas. Eu disse a elas: ‘vocês são pioneiras aqui’, porque os times que eram montados antes eram só pra cumprir as exigências, não tinha um olhar de ser um time profissional.”

13. Quais os avanços e conquistas observadas desde a criação do movimento? E o que ainda falta?

R: “É um trabalho à médio e longo prazo. Eu vejo que a gente já está colhendo frutos e tendo a visibilidade e o respeito que anteriormente não tinha dentro do Treze. O posicionamento que eu tenho de estar presente nas reuniões, isso não existia, a presença era só masculina. O que era dito nas reuniões era somente pelos caras das organizadas e agora eles me veem lá e muitos nem falam comigo, mas eu continuo firme.”

R: “Em dois anos que o movimento foi criado, teve uma repercussão muito grande e uma aceitação por várias pessoas, pela prefeitura do município e outros. E eu vejo assim, ‘meu Deus, essas pessoas dão um voto de credibilidade a mim, eles acreditam no que eu estou passando, na mensagem que eu quero passar. E isso é muito legal, porque eles veem que é de verdade o que eu estou fazendo, que eu não criei o movimento para ser ringue de guerra e expor as minhas meninas em confrontos no meio de rua, em brigas.”

R: “Antes a gente estava no estádio mas não éramos vistas. Estamos buscando estar à frente das reivindicações”.

R: “Depois que foi criado o movimento eu vi que foram se formando grupos também dentro das organizadas, foram criando bondes. As mulheres foram vendo a gente como referência, mesmo que elas não apoiassem. Então elas não ficam nem totalmente dentro das

organizadas, nem tem aproximação com o loucas, elas ficam neutras. As próprias integrantes das organizadas não abrem espaço para outras mulheres, e a maioria dessas torcedoras não se sente representada por elas por conta de algumas atitudes. Tem também o caso de muitas meninas que curtem o lance da organizada mas que dão valor as ações do loucas, a gente chama essas meninas de mistas e nós abraçamos.”

R: “O que eu vejo que temos a conquistar é a questão de mais visibilidade. A gente já participou de algumas matérias de tv com nossas ações. Quanto mais a gente for vista, melhor. Falta um apoio e um incentivo para dar visibilidade ao movimento”

R: “Essa questão de fazer parte de um TCC é uma conquista para nós, não só para o loucas, mas para todos os movimentos feministas de torcidas”.

ANEXOS

ANEXO A – SIMBÓLO DO MLP13



Fonte: Movimento Loucas pelo Treze

